

TRAVESSIA

revista do migrante

Publicação do CEM - Ano XIX, número 55, Maio-Agosto/2006



ISSN - 0103-5576

BRASILEIROS NO EXTERIOR

TRAVESSIA

Revista do Migrante

CEM - Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J.B.Scalabrini)

Publicação quadrimestral, voltada ao estudo e divulgação da realidade do migrante a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, econômico, educacional, cultural, etc.

Diretor

Sidnei Marco Dornelas

Editor

Dirceu Cutti

Jornalista Responsável

Antonio Garcia Peres (MtB 3081)

Conselho Editorial

Alfredo J. Gonçalves

Carlos B. Vainer

Dulce Baptista

Francisco Nunes

Heinz Dieter Heidemann

Helion Póvoa Neto

José G. Baccarin

José Guilherme C. Magnani

José J. Gebara

Luiz Bassegio

Marilda A. Menezes

Oswaldo M.S. Truzzi

Sidney A. da Silva

Teresa Sales

Conselho Consultivo

Cláudio Ambrozio

Edgard Malagodi

Ermínia Maricato

Marília P. Sposito

Milton Schwantes

Capa

Foto: Juan Plaza

Arte: 2M Criação e Produção Gráfica Ltda

Editoração Eletrônica

Dirceu Cutti

Impressão

Maxprint Editora e Gráfica Ltda - Fone:(0xx11)4815.4331

Endereço para Correspondência

Rua Vasco Pereira, 55 - Liberdade

01514-030 São Paulo/SP - Brasil

Fone/Fax: (0xx11)3208.6227

cemsp@uol.com.br

cemsp@cemsp.com.br

www.cemsp.com.br

ÍNDICE

UM OLHAR SOBRE OS MIGRANTES BRASILEIROS NO JAPÃO

Elisa Sasaki.....5

BRASIL, UM PAÍS PARA SE ESQUECER...

Adriana Capuano de Oliveira.....11

ENTRE AS DEMANDAS DE DEUS E AS DA SOBREVIVÊNCIA:

OS BRASILEIROS ADVENTISTAS DE CHINO

Bernadete Beserra.....17

CATARINENSES NA FRONTEIRA MÉXICO - ESTADOS UNIDOS

Gislene Aparecida dos Santos.....23

EMPRESÁRIOS BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS

Ana Cristina O. Siqueira.....31

RELATOS

SAÚDE E SEGURANÇA NO TRABALHO DO BRASILEIRO EM MASSACHUSETTS

A EXPERIÊNCIA DO "PROJETO PARCERIA"

Tiago Jansen

Carlos Eduardo Siqueira

Andréa Barbosa.....35

UM ENSAIO DE ORGANIZAÇÃO

A EXPERIÊNCIA DE BOSTON

Heloisa Maria Galvão.....40

Comunicação

PASTORAL ALÉM-FRONTEIRAS

João Paulo Santos.....45

DA PERSPECTIVA DO RETORNO À CONSOLIDAÇÃO DO CAMINHO SEM VOLTA

Em seu número 21, (janeiro-abril/95), *Travessia* divulgava os resultados dos primeiros estudos referentes aos brasileiros no exterior, fato novo e recente de nossa história, irrompido a partir de meados da década de 1980. Seu volume, visto daqui, surpreendia, porém, a partir da ótica do destino, tratava-se ainda de uma "minoría invisível", para a qual, no horizonte da maioria, delineava-se o retorno.

Transcorrida mais uma década, revisitamos o tema. Em termos quantitativos, o fluxo só fez aumentar, já se fala num êxodo de 3 milhões, mas a preocupação, aqui, vai noutra direção. À medida que o túnel do tempo avança, vivenciam concretamente o esmaecimento da perspectiva da volta, contudo, o eterno mito do retorno continua persistindo entre os sujeitos do processo. Um sentimento ambíguo é o que define o atual estágio de muitos: "Eu bem que poderia não estar aqui", declarou com os olhos cheios d'água uma entrevistada nos Estados Unidos, após desfilar um rosário de reclamações e insultos contra o Brasil. Por isso, o olhar dos articulistas recai sobre a permanência.

Quer no Japão, quanto nos Estados Unidos, já há uma rede constituída de serviços e negócios para, e especialmente, de brasileiros, sinalizando a consolidação de um caminho sem volta. Muito *gaman* (resistência), é o que resta aos que rumaram na direção do sol nascente, pois o que surgiu como eminentemente temporário já ganhou o selo da permanência. Nos Estados Unidos já há iniciativas de organização em prol e dos próprios migrantes. Inspientes ainda, é verdade, mas já balbuciam algo de novo - um tom militante.

Em se tratando, porém, de fluxo relativamente recente, para além das redes constituídas, canais por onde flui a própria migração e sua inserção no mercado de trabalho, transparece com força o papel desempenhado pelas igrejas no local de destino. Trata-se de um *locus* privilegiado que atua como mediação entre o que ficou para trás e a realidade de um outro cotidiano. Mediação que se efetiva não *ipso facto*, mas à medida que o migrante pode aí saciar as suas muitas e variadas demandas. Disso advém a importância da Pastoral dos Brasileiros no Exterior, de responsabilidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em curso desde 1996.

Mas não é só o lado de lá, onde os migrantes fixam nova residência, o que chama agora a atenção. Cada vez mais, a própria fronteira, no caso do México com os Estados Unidos, está transformando o binômio prisão-deportação em experiência constitutiva do ato de migrar - quer por parte de brasileiros, quer por parte de muitos, muitos outros.

Dirceu Cutti

TRAVESSIA - NÚMEROS PUBLICADOS

- | | |
|--|---------------------------------|
| 01 - Sazonais | 28 - Meio Ambiente |
| 02 - Cidade | 29 - Albergue |
| 03 - Fronteira Agrícola | 30 - Clandestinidade |
| 04 - Violência | 31 - Festas |
| 05 - Voto | 32 - Memória |
| 06 - Barragens | 33 - Mercosul |
| 07 - Cultura | 34 - Associações |
| 08 - Trabalho | 35 - Gerações na Migração |
| 09 - Família | Nº Especial - O Retorno (Sayad) |
| 10 - Religião e Religiosidades | 36 - Um Olhar Retrospectivo |
| 11 - Estrangeiros | 37 - Refugiados |
| 12 - Educação | 38 - Bairros e Vizinhanças |
| 13 - Pena de Morte | 39 - Assentamentos |
| 14 - Migrar e Morar | 40 - Redes |
| 15 - Tempo e Espaço | 41 - Migração Laboral |
| 16 - Desemprego e Subemprego | 42 - Linguagens e Símbolos |
| 17 - Imagens | 43 - Imprensa & Literatura |
| 18 - Novas Tecnologias | 44 - Etnias |
| 19 - Identidades | 45 - Mobilidade & Flexibilidade |
| 20 - Saúde | 46 - Sagrado |
| 21 - Emigração | 47 - Cotidiano |
| 22 - Retorno | 48 - Fronteiras |
| 23 - Metrôpole | 49 - Narrativas |
| 24 - Índios e Territórios | 50 - Políticas Públicas |
| 25 - Deslocamentos Compulsórios
& Restrições à Migração | 51 - Preconceitos |
| 26 - Mulher Migrante | 52 - Legado de Scalabrini |
| 27 - Nomadismos | 53 - Implicações Psicológicas |
| | 54 - Espaço Urbano |

É possível montar a coleção e adquirir números avulsos*

(* Números 8, 10 e 12 só disponíveis para coleção)

Forma de Pagamento

Depósito nominal à Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos; Bradesco; Ag. Tabatinguera nº 0515-0; c/c nº 23083-9 com envio de cópia do comprovante ou Cheque nominal à Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos.

Valor da Assinatura

- () Ass. válida por 1 ano..... R\$ 20,00
- () Ass. válida por 2 anos..... R\$ 30,00
- () Ass. válida por 3 anos..... R\$ 40,00
- () Exterior (1 ano)..... US\$ 20,00

Rua Vasco Pereira, 55 Liberdade CEP: 01514-030 São Paulo/SP - Brasil

Fone/Fax: (0xx11)3208.6227

cemsp@uol.com.br

cemsp@cemsp.com.br

www.cemsp.com.br

UM OLHAR SOBRE OS MIGRANTES BRASILEIROS NO JAPÃO

Elisa Sasaki *

A migração internacional contemporânea de brasileiros ao Japão, que se iniciou em meados dos anos 80, ficou conhecida como ‘*Movimento Dekassegui*’. Originalmente, a palavra japonesa ‘*dekassegui*’ significa “trabalhar fora de casa”. Ela é composta por dois ideogramas (*kanji*): ‘*deru*’, que significa sair e ‘*kassequ*’, que significa trabalhar, ganhar dinheiro. No Japão referia-se aos trabalhadores que saíam temporariamente de suas regiões de origem e iam a outras mais desenvolvidas, sobretudo aqueles provenientes do norte e nordeste do Japão, durante o rigoroso inverno que interrompia suas produções agrícolas no campo. Este mesmo termo passou a ser empregado para definir os descendentes de japoneses – *nikkei* ou *nikkeijin* – que vão trabalhar no Japão em busca de melhores salários, empregando-se em ocupações de baixa qualificação caracterizadas pelos japoneses como “3K” - *Kitanai* (sujo), *Kiken* (perigoso) e *Kitsui* (penoso). Posteriormente, os brasileiros se encarregaram de acrescentar mais dois Ks – *Kirai* (detestável) e *Kibishii* (exigente) (Kawamura, 2003). Nesse sentido, o termo ‘*dekassegui*’ remete à idéia de um trabalho

temporário para em seguida retornar à sua região de origem. Além disso, traz embutida uma imagem pejorativa daqueles que se sujeitam a trabalhos recusados por muitos¹.

No início do “Movimento Dekassegui” nos anos 80, essas idéias pareciam ser pertinentes, pois nesse período, os que iam ao Japão trabalhar, não eram bem vistos², mas sim como “um mal necessário”. Havia uma demanda por mão-de-obra barata e não-qualificada mas não queriam forasteiros. As primeiras notícias sobre a ida de brasileiros descendentes de japoneses para trabalhar temporariamente no Japão apareceram nos meados da década de 80, representando um movimento tímido, em termos de volume. Em geral, eles não tiveram grandes problemas burocráticos para entrar no território japonês, pois seu perfil era de: nipo-descendentes das primeiras gerações – *issei* e/ou *nissei*. Logo, muitos tinham nacionalidade japonesa ou dupla nacionalidade, podendo ingressar no Japão como japoneses. Apresentavam, em geral, idade avançada; eram chefes de família e casados; sabiam falar japonês e pretendiam permanecer apenas temporariamente no Japão.

A partir da primeira metade dos anos 90, assim que o fluxo de

brasileiros para o Japão se massificou, começaram a germinar as primeiras redes sociais migratórias de brasileiros, entrando em cena novos atores sociais, tais como: os candidatos a trabalhadores migrantes; as pequenas empresas japonesas demandando mão-de-obra estrangeira e, os agentes intermediários. Estes últimos tinham grande atuação nesse cenário, explorando os migrantes estrangeiros e obtendo uma margem de lucro considerável com o recrutamento dos mesmos. Concomitantemente, com intuito de amparar os trabalhadores migrantes, também começaram a surgir no cenário Centros de atendimento, informação, orientação e apoio aos trabalhadores migrantes, quer por parte de iniciativa governamental municipal, quer de vários grupos de voluntários sem fins lucrativos. Um exemplo disso é o Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE), criado em São Paulo (Brasil). De acordo com Ricardo Sasaki (2002, pp. 254-255), este Centro “fornece informações e orientações sobre ofertas de emprego no Japão; a cultura, os usos e costumes, e a vida cotidiana no Japão; legislação trabalhista japonesa; assessoria jurídica; sistema educacional no Japão; seguro social (saúde, aposentadoria, desemprego, acidentes

de trabalho) japônês; restituição de aposentadoria e solicitação de pensão; imposto de renda (bi-tributação) e demais tributos no Japão”.

No Japão, há mais de seiscentas entidades similares, principalmente onde há significativa presença de brasileiros, assim como estrangeiros de outras nacionalidades na condição de trabalhador migrante. Em geral essas entidades podem estar vinculadas à prefeitura local, às associações civis, regionais e locais, grupos voluntários que oferecem informações e orientações de diversas naturezas – trabalhista, jurídica, educacional, cultural, social, ensino de língua, cultura cotidiana (como coleta de lixo), etc.

No passado, a política imigratória japonesa se centrou na idéia de controle e monitoramento de estrangeiros, como atenta Kashiwazaki (2002). Enquanto o controle de fronteiras era a maior preocupação para o governo central, foi surgindo a necessidade de uma política de integração em âmbito local e nacional. Na ausência de uma política de integração coerente em nível nacional, os governos locais têm se defrontado com a acomodação de residentes estrangeiros recém-chegados, que têm se estabelecido em grande número. Isso se aplica particularmente às cidades que têm experimentado um rápido influxo de imigrantes, como as cidades e regiões industriais na parte central do Japão, onde os trabalhadores nikkeis têm se estabelecido em grande número. Moradia, educação dos filhos de migrantes, saúde são alguns dos assuntos que tem sido alvo de atenção. Comparando com o governo central, os governos locais têm inovado suas políticas para acomodar os residentes estrangeiros. Nesse sentido, muitos governos locais têm instaurado assembleias para os cidadãos estrangeiros ou reuniões similares nos

últimos anos (Ikegami, 2001; Pak, 2001). Essas respostas administrativas em nível local também refletem uma velha reivindicação por parte dos coreanos que buscam ser reconhecidos como membros da comunidade local sem considerar sua nacionalidade.

ONDE ESTÃO OS BRASILEIROS

Em 2004, registrou-se o total de 286.557 brasileiros residentes nesse país (Japan Immigration Association 2005), sendo o terceiro maior contingente de estrangeiros no Japão, atrás de Coréia (do Sul e do Norte) e da China.

Os brasileiros concentram-se na região central da Ilha Principal (*Honshu*) do Japão, onde se encontram as cidades industriais. As principais províncias com brasileiros residentes registrados em 1994 são: Aichi, Shizuoka, Kanagawa, Saitama e Gunma que, juntas, reúnem mais da metade de toda população brasileira presente no Japão.

Nagano é uma das províncias que chama a atenção no que se refere à crescente presença de brasileiros em seu território. Enquanto em 1994 despontava apenas em sétimo lugar (tendo recebido pouco mais de 6.500 brasileiros), ao longo dos anos de 1990 foi ganhando destaque, passando a ocupar a terceira posição em 1998 (com 14.670), superada apenas por Aichi (aproximadamente 41.000) e Shizuoka (mais de 31.000). A partir deste ano, Nagano consolida-se como a terceira província japonesa com maior número de brasileiros, fato que se explica por sediar indústrias do setor de componentes eletrônicos, as quais também passaram a contratar mão-de-obra estrangeira.

Dentre as cidades com maior concentração de brasileiros destacam-

se: Hamamatsu (Shizuoka) - cujo montante em 2000 era de 11 mil, atingindo 13.800 em 2004 - seguida por Toyohashi, Toyota, Nagoya e Okazaki, todas da província de Aichi, onde predomina a indústria automobilística, com grande número de empresas subcontratadas que alimentam a produção em cadeia deste setor nessa região. É também aqui que se constata a preocupação por parte do governo local em promover uma política de integração dos estrangeiros para a vida comunitária local ou regional, como apontado anteriormente.

Os brasileiros estão concentrados na região central do Japão, mas também se encontram em diversas localidades. Isso deve estar relacionado com o fato de haver empregos em outros setores, como o de serviços, alimentícios [frigoríficos, supermercados, panificação, *bentô* (marmitas), etc.]. Nesse sentido, podemos dizer que, embora os brasileiros ainda sejam alocados no setor manufatureiro (automobilístico, eletrônicos, etc.), ao longo do tempo eles têm ocupado empregos nos outros setores citados. Pode-se dizer que o seu deslocamento geográfico está muito mais ligado à mudança de emprego do que a outros motivos – por exemplo, reunião familiar – uma vez que este depende da ação das empreiteiras às quais estão vinculados.

DE BRASILEIROS PARA BRASILEIROS

Na sociedade receptora japonesa, surgiam notícias sobre restaurantes e lojas de produtos brasileiros atendendo ao público consumidor, especialmente brasileiro. São pequenos negócios *de* brasileiros *para* os brasileiros. “Alguns migrantes que chegaram há mais tempo, após alguns anos como operários de fábrica, conseguiram se estabelecer como proprietários (sob o

A mudança de perspectiva temporal dos brasileiros no Japão, que inicialmente era claramente temporária e passou a se estender por mais tempo, pode ser verificada na lista de Status de Permanência no Japão, na qual encontramos várias categorias. Dentre elas, sobressaem-se duas: “os cônjuges e filhos de japoneses” e os “residentes por longa duração” que boa parte dos brasileiros adquiriu.

Somando estas duas categorias, dentre o total de brasileiros residentes no Japão, mais de 90% enquadram-se nestas duas categorias e, os que vão como ‘dekasseguis’, devem permanecer nesse país sob esses status, uma vez que, nestas condições, não há restrições quanto a atividades a exercer, diferentemente daqueles que têm status de permanência temporária de três meses. Em outras palavras, embora nem todos os brasileiros presentes no Japão sejam ‘dekasseguis’, a grande maioria é ou pode estar no Japão como trabalhador migrante barato e desqualificado.

Em 1994, mais de 154 mil brasileiros estavam sob estas duas categorias de permanência, representando 97% do total. Nos anos seguintes, essa proporção vai diminuindo muito timidamente, mas ainda assim, na casa dos 96%, tendo em 1997, mais de 225 mil brasileiros sob estes dois status. Já nos anos seguintes, de 1998 e 1999, verificamos que os brasileiros com status de permanência de “cônjuges e filhos de japoneses” diminuiu consideravelmente, cerca de 15 mil, que em geral são os das primeiras gerações – os *isseis* e seus dependentes (cônjuges e filhos). Já os números em relação aos que estão no Japão como “residentes por longo período”, no qual cabem os das gerações seguintes [a segunda (*nissei*) e a terceira (*sansei*), como foi dito anteriormente],

mostram-nos um crescimento gradativo, sendo que de 1999 para 2000, houve um salto de mais de 20 mil brasileiros apenas nessa categoria. Mesmo somando essas duas categorias citadas acima, nos últimos anos, elas têm decrescido: se até 1999, juntas representavam cerca de 96%, a partir de 2000, essa cifra foi decrescendo gradualmente: em 2000 elas passaram a totalizar 94,0%; em 2001 90%; em 2002 86% e em 2003 82%. De 2001 a 2002 é que se verifica uma queda maior em termos de números absolutos, cerca de 9 mil dentre estes dois status referidos.

Em contrapartida, nota-se um aumento substantivo no status de permanência ‘residentes em caráter permanente’: de 1995 para 1996, notamos um salto de 474 para 931 brasileiros nessa categoria, correspondendo a uma taxa de crescimento anual desse período de 96,4%, praticamente duplicando o volume. No ano seguinte de 1997, a tendência ao crescimento nesse status continua expressiva: de 931 no ano anterior passou para 1.686, aumentando 81,1%. O número de brasileiros residentes permanentes continua crescendo significativamente nos últimos anos: em 1998 eram 2.644; 1999: 4.592, aumentando menos mas ainda assim 56,8% em relação ao ano anterior (lembrando que nesse ano houve uma diminuição no fluxo migratório de brasileiros ao Japão: de 1997 para 1998, houve uma queda de onze mil brasileiros (ou diminuição de 5% da população em relação ao período anterior). Mas nos anos seguintes o contingente brasileiro voltou a crescer novamente, atingindo 13,42% em 2000 e se estabilizando nos anos subsequentes. De 2000 para 2001 houve um grande salto para 20.277, com taxa de 123,6%, e nos anos seguintes houve um contínuo aumento:

em 2002, 31.203 brasileiros eram residentes permanentes, atingindo 52.581 em 2004. Em outras palavras, nos primeiros anos do terceiro milênio, os brasileiros residentes com caráter permanente têm aumentado cerca de 10 mil a cada ano, revelando mudança nos projetos de vida destes, diante da mudança de perspectiva temporal do processo migratório.

Segundo Edson Mori (2002, p.245), que analisou o aspecto econômico do Movimento Dekassegui, a diminuição no fluxo migratório de brasileiros para o Japão em 1998 – quando se registrou pela primeira vez na história desse contingente uma queda no número total de entrada de brasileiros nesse país – deve estar relacionada à estabilização da economia brasileira ao adotar o Plano Real e, concomitantemente, à crise na economia japonesa e à subsequente reestruturação da indústria japonesa, que acabou levando a uma diminuição na demanda por trabalhadores migrantes estrangeiros. Por conta disso, nesse período, houve também uma significativa diminuição na emissão de novos vistos aos brasileiros. Além disso, no final dos anos 90, houve um aumento de brasileiros requerendo visto permanente no Japão.

Até o final dos anos 1990, a vasta maioria dos brasileiros alimentava uma perspectiva de permanência temporária no Japão, isto é, viver nesse país apenas por alguns anos como trabalhador migrante não-qualificado para acumular algum pecúlio e retornar definitivamente ao Brasil, ainda que eles tenham ido e vindo diversas vezes. Entretanto, a partir da virada do milênio, muitos deles passaram a optar pela permanência no Japão, mudando assim o seu projeto de vida inicial.

Alguns informantes qualificados³ apresentaram outros possíveis motivos para o aumento de brasileiros

portadores de vistos permanentes, o que não necessariamente reflete uma mudança de projeto. Um deles disse que havia uma relação de “custo / benefício” na obtenção de visto permanente, pois é mais barato do que pedir visto de cônjuge ou filhos de japoneses ou de longo período (de 1 a 3 anos). Estes dois últimos tipos de visto têm que ser renovados de tempo em tempo, à medida que se expira e, portanto, a cada renovação, paga-se uma taxa. Já para o visto permanente, paga-se a taxa apenas uma vez. Uma vez que o brasileiro – assim como os outros estrangeiros – esteja no Japão um longo período, por exemplo mais de três anos, estará apto a requerer o visto permanente. Um outro informante disse que estava tendo congestionamento na fila de vistos de longo período. Assim, o próprio funcionário da imigração japonesa perguntava aos brasileiros (e estrangeiros) se estavam no Japão por um bom tempo. Para estes, emitia-lhe o visto permanente e assim aliviava as outras filas. Um terceiro participante disse que há um grande número de brasileiros não descendentes pedindo visto permanente, para poder se divorciar do/a seu/sua cônjuge descendente. Isto porque, como já foi dito, para migrar legalmente ao Japão, deve-se ter necessariamente ascendência japonesa ou então estar casado/a com um/a descendente. Com o visto permanente, essas pessoas não dependem mais do vínculo conjugal com o/a descendente para permanecer legalmente no país hospedeiro. Estas informações de migrantes experientes ou daqueles que estão envolvidos com a migração brasileira ao Japão, embora neste momento não tenhamos dados pesquisados e comprovados, são indicadores interessantes para pensarmos possíveis e variadas razões que estão por trás dos números

apresentados oficialmente, como no caso, do aumento de brasileiros portadores de visto permanente nos últimos anos.

FAIXA ETÁRIA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

O contínuo aumento de brasileiros como residentes permanentes no Japão se reflete nos dados sobre a faixa etária deste contingente. Podemos observar um aumento significativo de população jovem: em 1994 os jovens brasileiros, muitos dos quais devem ter nascido no Japão, entre 0 a 14 anos representava 9,0% em relação ao total de brasileiros presentes no Japão, isto é, pouco mais de 14 mil. Essa porcentagem foi aumentando gradualmente, até que em 2004, essa faixa etária compõe mais 15% do total de brasileiros, com mais de 43 mil jovens.

Já os que estão na faixa etária de 15 a 19 anos, em 1994 eram 12.409, correspondendo a 7,8% da população brasileira total presente no Japão. Essa porcentagem cresceu ligeiramente nos próximos anos, atingindo 8,3% (19.276) em 1997. No ano seguinte de 1998, apresentou uma taxa de crescimento anual negativo nesse período de -9,1%, decrescendo para 17.517. Isso continuou no ano seguinte de 1999, caindo mais ainda para 15.583 jovens brasileiros. Em 2000, o crescimento desta faixa etária é retomado, aumentando 2.632 jovens em relação ao ano anterior. Mas nos próximos anos, esse grupo etário apresenta um decréscimo novamente: em 2002, assim como em 2004, os jovens de 15 a 19 anos representavam 6,0% dentre o total da população brasileira total.

A faixa etária dos 20 aos 59 anos, considerada a população economicamente ativa e produtiva, representa a maior parcela da

população brasileira. Em 1994, esse grupo etário compreendia mais de 131 mil brasileiros, representando 82,4% do total dos brasileiros residentes no Japão. Embora em números absolutos, essa faixa apresente um crescimento contínuo, exceto no ano de 1998, a sua proporção em relação ao total está tendendo a declinar, chegando em 2004 com uma proporção menor de 76,4%.

Podemos relacionar isso com o aumento da população mais jovem como já vimos anteriormente. Aliás, o grupo de jovens brasileiros de 0 a 14 anos foi a parte da população que não sofreu decréscimo no ano de 1998, como aconteceu com todas as demais faixas etárias. Podemos inferir que aqueles que se encontravam no Brasil – seja o migrante experiente, isto é, já esteve no Japão anteriormente, retornou ao Brasil e decidiu ir novamente ao Japão trabalhar, seja o novo candidato a trabalhador migrante que estava tentando ir trabalhar pela primeira vez ao Japão – tiveram muita dificuldade de conseguir visto de entrada ao Japão assim como conseguir emprego nesse país em 1998 e 1999, à medida que a conjuntura econômica japonesa não estava favorável, sentindo os efeitos da crise asiática. Por outro lado, muitas famílias residentes no Japão com filhos menores que não saíram do país, relacionado ao expressivo aumento de brasileiros com visto permanente, podem justificar o crescimento contínuo de jovens ao longo de todos esses anos.

Embora o número de brasileiros acima de 60 anos apresente números bem menores, vale notar o aumento deste contingente ao longo desses anos. Em 1994, menos de 1% faziam parte deste grupo etário, com 1.433 brasileiros. Seguindo a tendência geral de crescimento da população brasileira total, este grupo também sofre um decréscimo no ano de 1998, mas em

seguida retoma o seu crescimento, chegando em 2004 a quintuplicar a população de 1994: 7.554 brasileiros acima de 60 anos estavam residindo no Japão. Vale notar que embora essa população não seja uma população economicamente ativa, à medida que a população de crianças vai aumentando, a presença de pessoas nessa faixa etária passa a fazer parte da composição familiar, pois elas podem ajudar na manutenção do cotidiano na casa, como cuidar das crianças e dos afazeres domésticos, enquanto outros membros produtivos da família trabalham nas fábricas. Além disso, deve-se considerar o envelhecimento natural dos migrantes que eram antes produtivos e que acabaram permanecendo no Japão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, o que mais se destaca nesse vôo panorâmico pelo processo migratório entre Brasil e Japão na virada do século XX para XXI foi a mudança de perspectiva temporária – o que inicialmente pretendia-se temporário, os brasileiros passaram a permanecer cada vez mais no Japão. Isso refletiu no número de aumento de brasileiros residentes permanentes no Japão, assim como no aumento da faixa etária da população brasileira no Japão, o que por sua vez, tem implicado em implantações de políticas locais e regionais onde a sua presença se concentra – no cinturão industrial do país, isto é, na região central do Japão.

A expectativa temporária inicial foi se perdendo de vista ao longo do tempo, cabendo assim, atentar às diferentes conotações do termo “*dekassegui*” que foi mudando, desde que se adotou no início do fluxo migratório, como vimos no início deste

texto. Deve-se ter claro, no entanto, que os significados são datados, contextualizados e sócio-culturalmente construídos. Ao mesmo tempo que as categorias têm um aspecto bastante fluido, isto é, usa-se muito sem ter uma definição muito clara, acabam sendo socialmente compartilhadas e naturalizadas – não só pelos próprios migrantes e a comunidade japonesa e/ou nipo-brasileira, mas também pelos estudiosos do tema.

De qualquer forma, durante a experiência migratória, dada a rotina de trabalho intenso e cansativo, aflora um sentimento de ‘*gaman*’ que em japonês, segundo o verbete do dicionário Michaelis de japonês / português (2003, p.112), quer dizer: “paciência; perseverança, resistência, tolerância; indulgência; autodomínio; autocontrole; renúncia”. São palavras e sentimentos duros, penosos, tanto que acabamos preferindo colocar, inconscientemente talvez, uns antolhos para poder continuar tendo *gaman*, em nome do sonho – o futuro dos filhos – negligenciando entretanto estes mesmos entes na dura vida cotidiana. Mas mais duro é, imagino eu, ver os efeitos e não poder mais voltar para trás. A vida é tão rara, como canta Lenine, numa música chamada, veja só: ‘paciência’.

*** Elisa Sasaki é Doutoranda em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).**

NOTAS

- 1 - Este texto é resultado de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
- 2 - Isso porque o fato de ir trabalhar no Japão em ocupações subalternas era algo associado à idéia de fracasso, ferindo o orgulho dos japoneses que no início do século XX imigraram para o Brasil, sendo considerados uma coletividade que obteve um relativo sucesso no país de destino.

3 - São pessoas que se manifestaram durante o debate logo após a minha exposição no I Congresso Brasileiro sobre Dekassegui, realizado em Maringá (PR), no dia 27 de outubro de 2005, organizado pelo SEBRAE. Muitos destes participantes eram os próprios migrantes ou então aqueles que estavam envolvidos de alguma maneira com a migração de brasileiros ao Japão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- IKEGAMI, Shiguehiro
(2001) *Burajirujin to Kokusaika suru Chiiki Shakai – Kyojû, Kyôiku, Iryô*. [O Brasileiro e a Comunidade Local que se Internacionaliza – Moradia, Educação, Saúde]. Tokyo: Akashi Shôten.
- JAPAN IMMIGRATION ASSOCIATION
[Zaidan Hônin Nyûkan Kyôkai], 1995 a 2005. *Zairyû Gaikokujin Tôkei*. [Estatísticas sobre Estrangeiros Residentes no Japão (Relatórios Anuais)].
- KASHIWAZAKI, Chikako
(2002) “Japan: From Immigration Control to Immigration Policy?”. *Migration Information Source*. URL (acessado em 17/10/04): <http://www.migrationinformation.org/Profilesprint.cfm?ID=39>
- KAWAMURA, Lili
(2003) *Para Onde Vão os Brasileiros? Imigrantes Brasileiros no Japão*. Campinas: ed. Unicamp, 2ª edição revista. (1ª edição: 1999).
- MICHAELIS
(2003) *Dicionário Prático Japonês-Português*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão.
- MORI, Edson
(2002) “The Japanese-Brazilian Dekasegi Phenomenon – An Economic Perspective”. In: HIRABAYASHI, Lane et al. (eds.), *New Worlds, New Lives*, Stanford (California): Stanford University Press, pp. 237-248.
- PAK, Katherine Tegtmeyer
(2001) “Towards Local Citizenship: Japanese Cities Respond to International Migration”. *Working Paper* n.30, The Center for Comparative Immigration Studies (CCIS), University of California at San Diego.
- SASAKI, Elisa Massae
(2000) *Dekasseguis: Trabalhadores Migrantes Nipo-Brasileiros no Japão*. Campinas, Núcleo de Estudos de População (NEPO), UNICAMP, textos NEPO, nº 39.
- SASAKI, Ricardo
(2002) “Os Problemas que Envolvem os Trabalhadores Brasileiros no Japão”. In: Taeco Carignato et al. (orgs.), *Psicanálise, Cultura e Migração*. São Paulo: YM Editora & Gráfica, p.239-256.

BRASIL

UM PAÍS PARA SE ESQUECER ...

Adriana Capuano de Oliveira *

BRASILEIROS NO SUL DA FLÓRIDA

Antes mesmo da divulgação de um Brasil que reside em Miami/Estados Unidos através da novela "América", nos arredores de universidades e centros acadêmicos, estudos sobre esta mesma população já estavam sendo realizados através de pesquisadores diversos. O artigo que segue versa justamente sobre um destes estudos, realizado durante os anos de 2001 a 2004, quando eu, então aluna do doutorado da Unicamp, aventurei-me enquanto "imigrante" pela América.

O local de destino, coincidentemente, foi o mesmo da novela: Miami. Porém aqui, a pesquisa estendeu-se pelo que se chama de condado (em inglês, *county*), divisões político-administrativas inexistentes no Brasil, que dizem respeito a uma administração político regional maior que a do município e menor

que a do estado. A própria Miami, tal qual nós nos referimos aqui no Brasil, engloba na verdade um número variado de pequenas cidades que compõem juntas essa unidade administrativa norte-americana, o *county*, neste caso, chamado de Miami-Dade County. Uma outra localidade adjacente à Miami-Dade também tornou-se alvo de nossas investigações, sobretudo por reunir uma quantidade bastante

numerosa de brasileiros ali residentes, que acabaram por "extrapolar", digamos assim, os limites de Miami em si. Esta localidade refere-se ao *county* de Broward, onde se localizam as cidades de Fort Lauderdale e Pompano Beach, dentre as de maior destaque no Brasil. Portanto, estes dois *counties* formam os limites geográficos da pesquisa que é base para este artigo. É importante que se diga, contudo, que

Foto: Adriana Capuano

Restaurante brasileiro em Pompano Beach



no decorrer das próximas páginas, quando se fizer menção à “Miami”, na realidade estará se abordando esta região como um todo (salvo quando se abordar uma região específica por seu próprio nome). Muitas vezes também se dirá “Sul da Flórida”, referindo-se a este mesmo espaço.

Já em 1996, a Revista Veja publicava o então assombroso número de 100 mil brasileiros residentes em Miami, (e aqui referindo-se somente a esta cidade, sem contarmos as demais regiões) e 180 mil para a Flórida como um todo, incluindo cidades como Pompano Beach, Boca Raton, e cidades mais ao norte do estado, como é o caso de Orlando e Tampa (Veja, 1996). Números de população, quando se fala em brasileiros nos Estados Unidos, são sempre estimativas, pois devido à grande quantidade de imigrantes indocumentados, os dados que se apresentam são sempre projeções que tentam se aproximar da realidade. Contudo, passados dez anos dessa publicação que alertava para uma população significativa de brasileiros na Flórida, podemos estimar – de acordo com os demais mecanismos de averiguação de dados: censos, grupos de pesquisa e apoio ao imigrante no Brasil e nos Estados Unidos, governos, etc,... – que este contingente populacional no mínimo dobrou de volume.

Ao nos depararmos com o cotidiano da região estas estimativas são confirmadas. Durante meu período de pesquisa de campo, não houve um só dia em que eu não ouvisse alguém falando português nas ruas, e isso não em razão de minhas ligações com a comunidade, pois, na maioria das vezes, não eram nesses momentos (digo, na presença de brasileiros) que eu me “espantava” com a sonoridade do português em meio a diferentes ritmos de espanhol e inglês. Mesmo ao

caminhar nas ruas, o português é tranqüilamente ouvido em algum momento, especialmente no quadrilátero central de *downtown* Miami – local de ampla presença do comércio brasileiro – ou na orla marítima de Miami Beach. Em algumas regiões de Miami, a quantidade de brasileiros é muito grande, a exemplo do que ocorre também na cidade de Pompano Beach. Entretanto, quem são, afinal de contas, estes inúmeros brasileiros que adotaram Miami como porto de destino?

MUDANÇA DE RUMOS

Depois de quatro séculos de colonização recebendo pessoas dos mais distantes lugares aportando em terras brasileiras, e de um processo de industrialização baseado maciçamente em mão-de-obra imigrante, em substituição à nossa anterior mão-de-obra escrava (que também não deixa de ser imigrante); nos anos 80 do século XX, a jovem nação brasileira se depara com um quadro que até então não fazia parte dos dados históricos do país: a emigração – em números significativos o bastante para serem entendidos enquanto correntes migratórias – dos nativos desta terra rumo ao exterior.

A princípio, por caracterizarem um processo novo e até então desconhecido na sociedade brasileira, e principalmente por não possuírem ainda uma temporalidade que viabilizasse uma maior reflexão sobre a dinâmica destes fluxos, tais movimentos foram percebidos como impulsos acima de tudo temporários. Com o decorrer dos anos, entretanto, e principalmente com o desenvolvimento cada vez mais extenso e abrangente das redes sociais e de apoio a estas migrações, vários aspectos e posturas têm se modificado con-

sideravelmente dentro deste contexto. Passadas duas décadas desde o início desse processo, cada vez mais a emigração de brasileiros se compõe como um caminho sem volta, não só para os emigrantes em si, mas igualmente para a própria história brasileira. É preciso, pois, que se pense em novas relações sociais que estão sendo refeitas e re-elaboradas em diversos aspectos quanto a este quadro. É tocando em parte de alguns destes aspectos que iremos nos preocupar aqui, especificamente com a questão das expectativas temporais da emigração brasileira ao sul da Flórida.

De todos os dados sócio-demográficos que recolhi da população residente em Miami durante o período de 2001 a 2002, um dos mais relevantes, e que sem sombra de dúvidas se destacou entre minhas “descobertas”, foi o de respostas obtidas por esses imigrantes quanto às suas respectivas intenções de retorno à terra natal, e a própria imagem que faziam dessa terra, suporte aliás que dava sustentação aos seus anseios de vida em terra estrangeira.

Dentre diversas questões que foram colocadas à população pesquisada, uma em particular fazia menção aos planos de retorno dessas pessoas. As alternativas possíveis de serem assinaladas eram:

- 1) pretende voltar ao Brasil em breve (sendo esse “breve” o período de um a três anos);
- 2) pretende voltar ao Brasil algum dia, não sabe exatamente quando;
- 3) só voltará depois de conquistar seus objetivos nos Estados Unidos; e, finalmente,
- 4) não pretende mais voltar ao Brasil, sua vida agora é nos Estados Unidos.

Mediante pesquisas anteriores, e de acordo com dados divulgados pela mídia, a expectativa de resposta

correspondia a uma maioria de intenção de retorno, já que, como dito, a migração de nossos patrícios tem sido vista como algo temporário, de caráter urgencial, uma “fuga” temporária dos nossos problemas econômicos e sociais mais imediatos. Os dados recolhidos por mim naquela região, entretanto, revelaram um Brasil que não pensa mais em voltar, em grande parte das vezes. Do resultado obtido em campo: 38,3% do total de entrevistados afirma estar certo de que não pretende mais voltar ao Brasil, constituindo residência definitiva nos EUA; e 37,7% alega que pretende voltar algum dia para o Brasil, mas não sabe quando (vaga resposta que implica em grande possibilidade de tornar-se uma imigração permanente). Verifica-se, portanto, que a parte da população brasileira lá residente que afirma ter como meta a intenção de voltar (24,0% do total) é menor que a projetada até então. Indaga-se o porquê deste novo quadro de análises... A partir destes dados, tentou-se figurar qual modelo de Brasil está se formando entre esses brasileiros que residem no exterior – no caso aqui, sul da Flórida – e qual a imagem que o brasileiro faz de si mesmo, inclusive para uma segunda geração de “brazucas” que está se estabelecendo neste local.

ORGULHO DE SER BRASILEIRO?

A exemplo daquilo que Maxine Margolis chamou de “a ladainha de reclamações” (Margolis, 1994:310), com relação aos próprios brasileiros imigrantes em Nova York que se lamentavam de seus pares, faço uso aqui desta mesma sentença para expor a série de reclamações e queixas atribuídas pelos próprios brasileiros a seus conterrâneos, tanto os imigrantes

que como eles se encontram nos Estados Unidos, quanto aos brasileiros que permanecem no Brasil. Ao serem perguntados sobre as características do “ser brasileiro”, e mesmo sobre a questão do orgulho de possuir esta nacionalidade, embora muitos entrevistados tenham de fato colocado características tidas como muito positivas em relação ao fato do ser brasileiro no espaço destinado a este campo, a constatação desta pesquisa revela, muitas vezes, uma verdadeira ausência desses sentimentos, ao menos no discurso¹, e em lugar destes atributos positivos, prossegue-se uma verdadeira enxurrada de reclamações, insatisfações, indignação, revolta e ressentimento.

Certas atitudes com relação ao país natal revelaram não só um desapontamento com a economia do país, a política, corrupção, e demais problemas brasileiros que se sucedem em uma lista interminável, mas, para além disso, um ressentimento arraigado, um sentimento de profundo rancor, de amargura. Rancor e amargura que podem ser explicados em parte pela própria condição destas pessoas de “terem” que ter saído de seu país natal. Abandonar a própria pátria, o país onde se tem a família biológica, onde a pessoa nasceu e foi criada, não é uma tarefa que se processa de forma tranqüila na *psique* das pessoas. Resultado disto é a própria condição de muitas pessoas que afirmam pretender voltar para o Brasil algum dia, sabendo-se que este dia pode muito bem nunca chegar, mas elas não conseguem admitir para si próprias esta possibilidade e, como consequência, ficam adiando “este dia” indefinidamente. Em outra vertente, a concepção trabalhada nos Estados Unidos e reforçada pela própria imprensa brasileira no país de que o Brasil é um país absolutamente sem

jeito, sem saída, sem condições de vida, também faz parte de uma estratégia “anestésica” ao abandono da terra natal. Neste sentido, pinta-se um quadro bem mais feio que a realidade, na intenção de argumentos mais sólidos que justifiquem a saída do país natal, ou o não retorno ao mesmo (Sales, 1999). Boa parte desta conceituação de um país sem esperanças, em parte formulada e endossada pela chamada “imprensa brazuca”, foi reproduzida na fala de meus entrevistados, e em suas respostas aos questionários. Uma outra parte deste quadro reflete uma situação de profundo ressentimento que, no meu entender é reflexo, por um lado, do desejo do querer retornar e, por outro, da consciência de que esta possibilidade é cada vez mais remota, quer pelas condições do país, quer pelas perspectivas individuais de cada uma dessas pessoas.

Esta ambigüidade de sentimentos pôde ser verificada através das respostas dadas a perguntas tais como “você gosta do fato de ter nascido brasileiro?”. Os resultados obtidos a esta indagação revelam 91,0% das pessoas entrevistadas afirmando que sim, gostam do fato de ter nascido brasileiras, e 9,0% afirmando o contrário, que não gostam desse fato². Logo em seguida, ao serem questionados em relação aos motivos que os fizeram afirmar tal situação, as respostas são variadas e remetem a condições idealizadas quanto ao sentimento pátrio, que em seguida se tornam contraditórias. Aqueles que afirmam gostarem do fato de ter nascido brasileiro apontam como os principais motivos para isso simplesmente o fato de “gostar de ser brasileiro”, pelo Brasil em si (19,5%), e devido à própria cultura brasileira (8,9%). Sentimentos patrióticos também são revelados em afirmações tais como: “eu amo o meu país”



Foto: Adriana Capuano

(7,3%), “gosto do povo brasileiro” (7,3%), “gosto do Brasil, apesar de tantos problemas” (5,7%), “é o melhor país para se viver” (4,9%), e até mesmo a admiração aos símbolos nacionais (1,6%). Outras características que fazem parte destas justificativas remetem-se às características que os entrevistados se orgulham e/ou admiram no povo brasileiro: alegria do povo/festas/diversão, amizade/confiabilidade, capacidade de ser feliz mesmo na pobreza, versatilidade, capacidade de adaptação, calor humano, garra/luta/perseverança/coragem, liberdade, língua portuguesa, povo pacífico, união das raças, acolhedor, hospitaleiro, simpatia do brasileiro, etc... Há ainda um destaque especial pelo fator natureza, apontado por 5,7% das pessoas como a razão pela qual gostam de ter nascido brasileiro, e o fato de acharem que o Brasil é um país admirado por outros povos (0,8%).

Com relação àqueles que

assinaram que não gostam do fato de ter nascido brasileiro, as justificativas expostas para tal afirmação se concentram em: corrupção, desigualdade social, pobreza, desonestidade, falta de cultura/falta de educação, discriminação social, má administração do país, pelo fato do Brasil ser um país subdesenvolvido, desrespeito existente no país, nada em especial, apenas tem que se conformar com o fato de que nasceu no Brasil (como se isso fosse um castigo a ser cumprido – “não gosto, apenas aceito”).

Esta mesma questão, ao ser confrontada com uma outra pergunta feita aos entrevistados: “você se orgulha do fato de ser brasileiro?” revela certas contradições e ambigüidades. Ao afirmarem que sim, o orgulho de ser brasileiro está mais uma vez relacionado às características apontadas no item anterior, que são fatores de admiração do povo brasileiro, igualmente. Alegria do

povo/festas/diversão, amizade/confiabilidade do brasileiro, capacidade de ser feliz mesmo na pobreza, garra/luta/perseverança/coragem, otimismo, calor humano, sensibilidade, união das raças, etc... Além destas características que são as mesmas ou muito similares às características apontadas como fatores responsáveis por gostarem de ter nascido brasileiros, com relação ao sentimento de orgulho de ser brasileiro especificamente o destaque aqui envolve questões que se referem à natureza do Brasil: exuberante, farta,

esplêndida (11,9% do total de afirmações de orgulho); ao futebol (4,5%), à mulher brasileira / beleza da mulher brasileira (1,5%) e ao fato de no Brasil não haver guerras nem terremotos (0,7%).

Já, em relação aos fatores que são os motivos pelos quais estes mesmos brasileiros menos se orgulham de o serem (independente daqueles que assinalaram gostar do fato de ter nascido brasileiro ou não), a corrupção política *sozinha* abarca um total de 46,8%, o que vem a ser de fato um dado bastante elucidativo, visto que a resposta para este campo era aberta, ou seja, as pessoas podiam declarar textualmente o que quisessem, sem a indução de alternativas pré-estabelecidas. As demais razões apontadas como características do país da qual estas pessoas menos se orgulham estão em grande parte relacionadas a este item primeiro – a corrupção política. Seguem-se neste campo uma infinidade de reclamações

e de queixas, mas uma vez reiterando o que Margolis afirma ser a “ladainha das reclamações”: violência (10,8%), pobreza/desigualdade social (7,6%), desonestidade (3,2%), falta de patriotismo (3,2%), falta de cultura/falta de educação (2,5%), crises econômicas/falta de estabilidade (2,5%), má administração do país (2,5%); e demais apontamentos que não chegam a somar 2,5%, tais como: desunião dos brasileiros, falta de justiça, impunidade, malandragem, esteriótipo da mulher brasileira (interessante observar como isto é motivo de orgulho para alguns, e motivo de não orgulho – ou vergonha – para outros), ausência de direitos, falta de respeito ao cidadão, falta de oportunidades para a população, covardia/resignação (esta também, apontada por alguns como uma característica positiva, e por outros como negativa), sujeira, os brasileiros em Miami que são motivos de um “não orgulho”, notícias brasileiras veiculadas na televisão, desemprego, má fama dos brasileiros no exterior, ausência de políticas públicas, descaso com o povo, falta de segurança, prostituição infantil, decadência moral do país, mania de brasileiro de querer passar a perna nos outros, desvalorização do idoso, falta de seriedade, discriminação social, o fato de “brasileiro viver de aparências”, e houve até quem colocasse “programas como o Linha Direta” (já que grande parte da população brasileira residente nos EUA assiste assiduamente a Globo Internacional).

Vale destacar que estes aspectos negativos e a própria lista de reclamações às vezes são atitudes e características atribuídas ao contexto migracional, como se os brasileiros no Brasil fossem bons e amáveis, e os brasileiros nos Estados Unidos fossem frios e egoístas – muito disso às vezes

vem relacionado ainda a uma suposta aquisição de valores norte-americanos por parte destes brasileiros imigrantes que se deixaram “corromper” em sua bondade original, por assim dizer. A corrupção, por sua vez, é a grande exceção, que ocorre sobretudo em solo nacional, e é passível de um maior controle em território norte-americano, se bem que mesmo entre os brasileiros lá residentes esta seja uma prática comum, segundo os próprios entrevistados.

COMO ALEGRIA QUE NÃO TEM ONDE ENCOSTAR....

Verdades ou exagero de discursos, o que importa aqui é o sentimento “comum” de revolta e ressentimento com relação ao Brasil, o que eu afirmo, mais uma vez, ser algo quase como uma “fuga” ao fato de terem que encarar o abandono da terra natal, ou como bem descreveu um entrevistado, ao fato de não poder – *não ter o direito* – de viver em sua terra natal. Finalizando a abordagem que foi feita em relação a estas percepções de identidade nacional, ao final do questionário, foi solicitado que o entrevistado marcasse alguma das alternativas que indicavam frases capazes de caracterizar o Brasil (frases exageradas, por certo, sendo esta noção “esteriotipada” parte da intenção da pesquisadora). Como não poderia deixar de ser, dado às informações relatadas anteriormente, a frase mais assinalada em relação à característica mais apropriada para representar o Brasil (como se fosse a “identidade” do país) foi: “O Brasil é o país da corrupção”, com 35,8% das escolhas feitas pelos entrevistados. Em seguida, reiterando esta ambivalência de amor e ódio em relação ao país, a opção mais assinalada foi: “No Brasil não existem guerras e as pessoas vivem em harmo-

nia”. Veja na relação abaixo a listagem completa das opções assinaladas pelos entrevistados (no questionário era pedido que a pessoa assinalasse somente uma questão, a *mais* representativa):

35,8% - O Brasil é o país da corrupção;
13,9% - O Brasil é um país abençoado, lá não existem guerras, e as mais diversas pessoas vivem em harmonia, sem conflitos raciais;

12,1% - O Brasil é o melhor país do mundo para se viver, o povo é fraterno e harmonioso, muito solidário, alegre e hospitaleiro;

11,6% - No Brasil, mesmo trabalhando muito, as pessoas estão sempre na miséria;

9,2% - O Brasil é um país de natureza abençoada, mas tem um povinho horrível!;

5,2% - O Brasil é o país do futuro;

4,0% - No Brasil, existem muitas oportunidades, se você trabalhar bastante consegue subir de vida;

2,9% - O Brasil é o país do carnaval, ninguém leva nada a sério lá;

1,7% - O Brasil não tem jeito;

1,2% - O Brasil é um país pobre porque brasileiro não gosta de trabalhar;

1,2% - O Brasil é o país da fartura, sem guerras, sem catástrofes naturais, com muita fartura;

0,6% - O Brasil é o país da democracia racial, lá não existe preconceito, ou barreiras raciais;

0,6% - Resposta mal definida.

Através destas percepções aqui representadas em frases esteriopadas, podemos perceber como um Brasil idealizado e mítico ainda se relaciona no imaginário popular ao lado de um Brasil amplamente negativo, que vem a justificar a ausência destas pessoas, assim como os planos cada vez mais comuns de longa permanência em terra estrangeira. Se analisarmos a opção que figura em segundo lugar, portanto, que

só perde em termos de comparação ao fato do Brasil ser o país da corrupção, ou mesmo em relação à frase que se posicionou em terceiro lugar, referindo-se ao Brasil como “o melhor país do mundo para se viver”, com um povo fraterno e harmonioso; a imagem do Brasil ainda permanece consagrada como a de um país sem conflitos, sem guerras, onde as pessoas podem viver e de fato vivem em harmonia. Esta imagem, embora permeada de críticas relacionadas às “desgraças” brasileiras enumeradas exaustivamente pelos entrevistados, ainda permanece viva e solidificada na memória de muitos e, apesar de nos parecer incoerente num primeiro momento, reflete no fundo esta mesma condição de ambigüidade vivenciada por cada um destes imigrantes, na qual, ao mesmo tempo em que se ressentem profundamente com relação ao Brasil, da possibilidade que lhes foi tirada de uma vida tranqüila em seu país natal; por mais que neguem, visualizam o Brasil ainda como um lugar de harmonia, liberdade, felicidade, lazer. Talvez, mesmo entre aqueles que mais desgraças apontaram em relação ao Brasil, as recordações de infância, de um local de harmonia, do colo da mãe, da vizinhança, do pé de fruta, remetam estas pessoas (juntamente com as demais que atribuem características positivas ao Brasil), à uma figura harmoniosa, colorida, cheia de vida, do imaginário coletivo que permeia a idéia de um Brasil ingênuo, ainda bastante rural, um lugar único, imaginado talvez, mas com cores únicas, com vida própria, com casinhas pobres mas alegres, a “nossa casa”, o “nosso lar”, a “nossa gente”. Neste sentido, o Brasil, representado aqui por tantos aspectos positivos, como as festas, alegria do povo, confraternização e amizade, ao lado de um Brasil nojento, corrupto, ladrão, insensível e desigual, representa

sim, mais do que meros esteriótipos construídos, a poética singela e profunda de uma música de Chico Buarque e Vinícius de Moraes, como a alegria que não tem onde encostar.

*“São casas simples, com cadeiras na calçada,
E na fachada escrito em cima que é um lar.
Pela varanda, flores tristes e baldias
Como a alegria que não tem onde encostar,
E aí me dá uma tristeza no meu peito,
Feito um despeito de eu não ter como lutar.
E eu que não creio peço a Deus por minha gente,
É gente humilde, que vontade de chorar.”*

Talvez essa seja, no fundo no fundo, a saudade que algum dia, admitindo ou não, todo migrante sente de seu lar. E que nem todo o “melhor salário do mundo” pode compensar. Ou, como disse-me uma de minhas entrevistadas, que ao final do preenchimento do questionário e da longa entrevista oral que fizemos, depois de percorridas milhares de reclamações e insultos raivosos descritos sobre seu país, me olha com os olhos cheios de lágrimas, e apenas sussurra: “Eu bem que poderia não estar aqui, né bem?”

Adriana Capuano de Oliveira é Prof^a. do curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Franca e Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Migrações Internacionais - GEMIGRI (Franca/SP).

NOTAS

1 - Sabe-se que o discurso de pessoas que estão sendo entrevistadas em uma pesquisa nem sempre corresponde à verdade integral de seus sentimentos.

2 - A respeito da metodologia de recolhimento destes dados, número de pessoas entrevistadas, e da própria pesquisa em si, ver: Oliveira, 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERISTAT – Migration: Immigrant Magnets, Population Reference Bureau and Social Science Data Analyses Network, www.ameristat.org/migration/immigrant_magnets/concentration/newresidents.html

AMERISTAT – Race and Ethnicity in the Census: 1860 to 2000, Population Reference Bureau and Social Science Data Analyses Network, www.ameristat.org/raceethnic/census.htm

CENSUS – Population Estimatives for States by Race and Hispanic Origin, U.S. Census Bureau, Washington DC, July 1, 1999.

GOZA, Franklin
(1994) “Brazilian Immigration to North America”. *International Migration Review*, nº 1, Volume XXVIII, Spring.

HALL, Stuart
(1996) “Identidade Cultural e Diáspora”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 24.

MARGOLIS, Maxine L.
(1994) *Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York*. Campinas, Papirus Editora.

MARTES, Ana Cristina Braga
(2000) *Brasileiros nos Estados Unidos: Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo, Editora Paz e Terra.

O ESTADO DE SÃO PAULO
(1997) “Caem remessas de residentes no exterior” (por Pedro Luiz Rodrigues), 28 de dezembro.

OLIVEIRA, Adriana Capuano de
(2004) *Bienvenido a Miami: a inserção dos imigrantes brasileiros através da América Latina dos Estados Unidos*. Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas IFCH/UNICAMP, Campinas.

REVISTA VEJA
(1996) “A Miami do Brasil: A Flórida é a nova fronteira dos brasileiros, que já são 200.000 e faturam 5 bilhões por ano” (matéria especial – com apêndices), São Paulo, Editora Abril, 17 de julho.

REVISTA VEJA
(2001) “Eles fogem da bagunça”. São Paulo, Editora Abril, 18 de julho.

REVISTA VEJA
(2002) “A fuga dourada: Em busca de segurança, ricos latinos fazem a festa das imobiliárias de Miami”. São Paulo, Editora Abril, 23 de outubro.

ENTRE AS DEMANDAS DE DEUS E AS DA SOBREVIVÊNCIA

Os brasileiros adventistas de Chino

*Bernadete Beserra **

Em 26 de novembro de 2005, visitei a Igreja Adventista de Fala Portuguesa de Chino, grande Los Angeles, onde havia realizado pesquisa entre 1997 e 2000. Não vi o pastor David Bravo entre os que dirigiam o culto, mas soube, depois, que ele estava no Brasil, de férias. Reconheci alguns amigos e conhecidos do tempo da pesquisa, mas pelo menos metade, das cerca de 70 pessoas que assistiam ao culto naquele sábado, eram desconhecidas. Fiquei para o almoço e pude conversar demoradamente com Isac, Jaidete e Ester. O aconchego deles e o sabor da comida eram os mesmos de quando os visitei pela última vez antes de voltar ao Brasil, em junho de 2000. Tudo o mais parecia ter mudado. Numa área antes usada como estacionamento, construía-se um novo prédio, pelo menos três vezes maior do que aquele onde ainda se celebrava o culto sabatino. Isac e Jaidete responderam pacientemente às minhas indagações sobre as várias pessoas sobre quem perguntei. Alguns haviam voltado para o Brasil. Outros haviam se mudado para outros estados ou cidades. Mas novos membros haviam sido incorporados e, ao contrário do que imaginei a princípio pela quantidade

de pessoas no culto, a igreja havia crescido e prosperado nos últimos 5 anos.

Lembrei-me do Pastor Claudiner Mockiuti explicando-me sobre o desafio da manutenção de igrejas étnicas entre populações imigrantes (Beserra 2005c, pp. 110-112). Se o fluxo migratório diminui ou se interrompe, as chances de sobrevivência da igreja são bastante reduzidas. Os filhos dos imigrantes se aculturam e se filiam a igrejas de grupos dominantes. No caso dos Estados Unidos, os brasileiros adventistas da segunda geração se juntam a igrejas adventistas brancas, negras ou latinas, conforme a sua aparência e condições sócio-econômicas os aproximem mais de cada um desses grupos ou conforme o pertencimento étnico-racial dos seus cônjuges ou amigos.

Por enquanto, pelo menos, com um fluxo migratório que se intensifica, não há porque temer que as igrejas brasileiras nos Estados Unidos, católicas ou protestantes, desapareçam. Pretendo, neste artigo, a partir do caso dos adventistas de Chino, refletir sobre a função das igrejas na integração do imigrante, em geral, mas particularmente na integração de brasileiros nos Estados Unidos. Uma

das minhas hipóteses é que a importância da igreja na integração do imigrante varia em função da sua posição de classe no seu país de origem, dos seus pertencimentos étnicos e religiosos e do tempo de imigração.

LOS ANGELES: O CONTEXTO

Chino, Riverside, Los Angeles, San Francisco, enfim, a Califórnia não é o destino americano que mais atrai a imigração brasileira. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores, quase 90% da população imigrante brasileira nos Estados Unidos está concentrada na Costa Leste, nas regiões metropolitanas de Nova Iorque (300.033), Boston (200.032) e Miami (150.018) (MRE 2002). Outras concentrações significativas são: Washington, D.C. (44.003), Houston (36.400), San Francisco (25.000), Los Angeles (17.110) e Chicago (11.000).

Em cinco anos morando em Riverside, grande Los Angeles, apenas raras vezes ouvi o português fora das reuniões de brasileiros. Situação completamente oposta vivenciei em Framingham, Massachusetts, em março de 2006, onde ouvia o português com bastante frequência em

lojas de departamentos, restaurantes e supermercados não-brasileiros e até nas ruas¹.

Em Los Angeles, a população brasileira fica meio perdida entre uma das maiores populações de "latinos" dos Estados Unidos. No período da pesquisa, a proporção era de um brasileiro para cada duzentos e dezenove mexicanos. Considerando a população imigrante latina como um todo – isto é, imigrantes do México, Caribe e Américas Central e do Sul – a relação caía para um brasileiro para cada duzentos e noventa e nove latinos (Beserra 2005c, p. 202)².

É na posição de membros de uma população meio perdida entre outros grupos de imigrantes latinos, os quais "são como uma classe inferior para os americanos", que os adventistas de Chino se integram à vida em Los Angeles³.

OS ADVENTISTAS DE CHINO: BREVE HISTÓRIA

A Igreja Adventista de Fala Portuguesa de Chino abrangia, entre 1997 e 2000, um dos maiores e mais estáveis grupos de brasileiros da região metropolitana de Los Angeles. Os seus membros se reuniam todos os sábados, para o culto, e às quartas-feiras à noite, para oração. O grupo era (e ainda permanece) composto de brasileiros e portugueses. Incluindo as crianças, reunia cerca de 200 fiéis, dos quais 180 brasileiros e 20 portugueses. A maioria dos membros era imigrante de primeira geração cujos filhos adultos geralmente não pertenciam à igreja. De cerca de 20 casais que possuíam filhos crescidos, apenas os filhos de quatro deles frequentavam a igreja. Mesmo assim por razões bastante particulares: casaram-se entre si ou casaram com outros latinos.

Apesar de terem se instalado na cidade de Chino somente em 1994, a história do grupo é bem mais antiga. O núcleo original era formado por brasileiros que imigraram para Riverside, Loma Linda e Glendale entre o final da década de 1950 e os inícios da década de 1960⁴. Adair Souza, enfermeiro aposentado, nascido em 1929, migrou para Riverside em 1963. A Igreja Adventista da Universidade de La Sierra foi a primeira que frequentou. Ele me contou que, embora bem recebido, nunca se sentiu realmente parte daquela congregação. Não se sentia à vontade para oferecer o seu trabalho voluntário e, por não ser um membro ativo, sempre se sentia meio segregado e meio inútil. Percebendo que uma integração satisfatória ao grupo majoritário era impossível, ele e outros brasileiros falaram com o pastor e conseguiram uma pequena sala onde conduziam os seus estudos bíblicos em português. Por muitos anos este grupo permaneceu em La Sierra, mas nunca recebeu nenhuma atenção especial da congregação.

Uma das componentes do grupo original, Ilka dos Reis, tinha certa familiaridade com os imigrantes portugueses em Norco e propôs a mudança para aquela cidade. Na Igreja Adventista de Norco, conseguiram uma sala bem maior e foram recebidos com muito mais atenção do que em La Sierra. De fato, eles passavam tão despercebidos em La Sierra que, após 15 anos frequentando a Igreja, Dona Áurea foi certa vez tomada por novata. O pastor se aproximou dela para se apresentar e perguntou quem ela era. Ela respondeu, "você não aprendeu ainda quem sou eu? Estou aqui há 15 anos!"

O objetivo deste grupo adventista brasileiro em Norco era difundir a palavra de Deus entre os imigrantes portugueses que não falavam inglês.

Apesar de eles terem, afinal, conseguido converter algumas famílias portuguesas, o grupo sempre teve uma larga maioria de brasileiros porque, sugere Adair, "a comunidade imigrante portuguesa é muito católica e conservadora, e prefere ficar sem nenhuma palavra de Deus a trocar de igreja". Assim, do ponto de vista de um alcance maior da colônia portuguesa, pode-se dizer que o grupo falhou. Contudo, mais brasileiros continuaram chegando e o grupo finalmente cresceu o suficiente para ter condições de ter seu próprio pastor.

Mas foi graças ao dinheiro que Ilka dos Reis deixou para a igreja, quando faleceu em 1990, e a uma substancial doação do pastor Palmer Harder, que havia sido missionário no Brasil por 62 anos, que os membros da igreja conseguiram comprar e se mudar para o prédio atual.

Quando iniciei a pesquisa em Chino, em 1997, o pastor Claudiner Mockiuti já estava ali há dois anos. Substituiu o pastor Edilson, o segundo da congregação.

Entre 1997 e 1999, os frequentadores da igreja adventista de Chino tinham as seguintes características: a maioria (80,8%) havia nascido nas regiões Sudeste (48,2%) e Sul (32,6%). Os outros 19,2% dos participantes nasceram no Norte (6%), Nordeste (8,4) e Centro-Oeste (4,8), embora quase a metade já estivesse morando em São Paulo ou Rio de Janeiro antes da imigração para os Estados Unidos⁵.

A maioria dos participantes de Chino era do sexo feminino (56,6%). Aproximadamente um terço (36,1%) da amostra era composta de membros com idade superior a 51 anos e isto, como expliquei anteriormente, tem a ver com o fato de a igreja ser composta principalmente de imigrantes de primeira geração. O número

relativamente baixo de indivíduos entre 11 e 20 anos (7,2%) e 21 a 30 anos (13,3%) mostra uma notável ausência de imigrantes de segunda e terceira gerações, como explicado antes. Mas o pequeno número de frequentadores jovens, mesmo quando imigrantes de primeira geração, estava relacionado ao reduzido influxo de imigrantes no período 1995-1999 e também ao limitado mercado de casamentos que a igreja oferecia. Assim, membros potenciais preferiam frequentar igrejas onde suas chances de conhecer um(a) parceiro(a) eram maiores.

Mais da metade (65,1%) dos membros de Chino era casada. Destes, a maioria (81,7%) era ou havia sido casada com brasileiros e migrara para os Estados Unidos já casado e com filhos. No caso dos casados com não-brasileiros, seus parceiros eram normalmente filhos de brasileiros nascidos nos Estados Unidos, americanos de diversas etnias ou indivíduos de outras nacionalidades que já haviam vivido no Brasil. Entre aqueles casados com estrangeiros, apenas um deles conhecera sua esposa no Brasil. Se os membros da igreja formavam uma comunidade endogâmica do ponto de vista da nacionalidade de seus cônjuges, o mesmo não se aplicava a seus filhos, isto é, à segunda geração. Estes se casavam com americanos brancos, negros, hispanos ou outros grupos étnicos, em função do lugar onde viviam e das escolas e igrejas que frequentavam e, também, das suas características físicas e sociais.

A grande maioria (77,6%) dos casados ou divorciados de Chino tinha filhos. A média de filhos por casal era dois. Os casais que tinham mais de dois filhos eram aqueles que haviam imigrado entre o final da década de 1950 e os primeiros anos da década

seguinte. Os casais mais jovens tinham em geral dois filhos.

Apenas 7,2% do grupo total era formado de recém-chegados, o que indicava que a imigração de adventistas diminuiria entre 1995 e 1999. Ou isto ou os brasileiros adventistas recém-chegados estavam se afiliando a outras igrejas. O período de maior fluxo de imigrantes foi aquele entre 1988 e 1994, quando 38,6% dos participantes imigraram.

Existia uma congruência relativa entre o nível educacional e o tipo de emprego que eles possuíam nos Estados Unidos. Considerando, por exemplo, que a maioria dos empregos de "colarinho branco" requer nível universitário, apenas 42,1% dos participantes de Chino supostamente teriam este tipo de emprego. A porcentagem efetiva de membros com empregos de colarinho branco era 30,1%, uma diferença de 12,1%. Contudo, na entrevista/questionário, incluí a categoria estudante universitário separada das categorias "colarinho branco" e "colarinho azul". Assim, se consideramos apenas os membros que já possuíam diploma universitário, a diferença era negativa. Isto é, havia mais pessoas com emprego de "colarinho branco" que o esperado. Isso ocorreu porque na categoria "colarinho branco" também incluí trabalhadores autônomos que não necessitam de diploma universitário.

Sob a categoria "colarinho branco" os empregos mais comuns entre os membros de Chino eram os de advogado, contador, médico, enfermeiro e professor. Sob a categoria "colarinho azul" havia empregos tão diversos como mecânico, motorista de caminhão, babá, dona de casa, agricultor, auxiliar de enfermagem, vendedor, entregador de pizza e zelador.

Diferentemente da situação de bra-

sileiros imigrantes em outras cidades americanas, não era comum entre os membros da igreja o exercício de funções muito abaixo das suas qualificações no Brasil (Margolis 1994; Sales 1999; Martes 2000). Uma das explicações para isto é o tempo de imigração da maioria do grupo: estavam nos Estados Unidos pelo tempo mínimo necessário para validarem diplomas obtidos no Brasil ou adquirirem novas qualificações. Uma outra explicação está na própria forma como o adventismo se propaga por todo o mundo. O adventismo se expande não apenas como uma forma específica de evangelizar, mas como uma forma de viver, trabalhar, pensar. Os adventistas têm um dos mais extensivos e centralizados sistemas educacionais protestantes do mundo e uma das mais extensas redes de serviços de saúde. Além disso, também produzem sua alimentação onde quer que se instalem. Essa produção atende a demanda de suas escolas e hospitais e é também distribuída através de suas lojas. Os brasileiros adventistas que migram para a grande Los Angeles participam de algum modo dessa rede ampla de relações e, em geral, isto facilita bastante a sua integração.

A IGREJA: CASA DE DEUS? CLUBE? CENTRO TERAPÊUTICO?

No clássico *The Polish Peasant in Europe and America* [O camponês polonês na Europa e América], cujo primeiro volume foi publicado em 1918, Thomas & Znanieck já observavam que é preciso muita cautela para não se atribuir importância excessiva às formas e propósitos oficiais de instituições de imigrantes. Referindo-se às paróquias polonesas-americanas, os autores dizem que elas representam muito mais do que

associações religiosas para adoração a Deus sob a liderança de um padre (Thomas & Znanieck 1996, p. 115).

De fato, os membros da igreja de Chino esperam que ela ofereça bem mais do que conforto espiritual e um pastor disposto a ouvir os seus problemas individuais e familiares. Provavelmente por isto organizam almoços coletivos aos sábados, depois do culto, e piqueniques, pescarias, churrascos, gincanas, feiras de objetos usados e pequenas viagens de visita a outras igrejas adventistas brasileiras ou de língua portuguesa ou espanhola próximas, aos domingos e feriados.

Mas não apenas isto. É comum que os imigrantes mais antigos doem móveis, utensílios domésticos e até roupas aos recém-imigrados que não têm recursos para montar uma casa com objetos novos. A introdução à vida americana é feita por um ou outro membro ou família da igreja de quem o recém-imigrado é ou se torna mais próximo. Desse modo, são orientados sobre onde morar, comprar barato, em que escolas matricular os filhos, como tirar a carteira de motorista, onde e que cursos fazer para conseguir melhores empregos e assim por diante. Além disso, ouvi histórias e vi, diversas vezes, coletas serem feitas para ajudar algum membro em necessidade. Mesmo que haja desentendimentos eventuais e diferenças, é à solidariedade entre os membros que todos se referem quando contam as suas histórias de imigrantes.

A história dos adventistas de Chino revela, porém, que a disposição e flexibilidade para adaptar a igreja às circunstâncias e necessidades da vida imigrante nem sempre estão presentes na política de todos os pastores. Quando Edilson, o segundo pastor da igreja, assumiu seu posto, ele e alguns membros mais conservadores acharam conveniente o aumento de atividades

de evangelização. Tal política, porém, se deu em detrimento de atividades de lazer e levou várias famílias a abandonar a igreja. O conflito foi, afinal, solucionado com a sua transferência para outra igreja. Em seu lugar assumiu o pastor Claudiner Mockiuti que, em poucos anos, conseguiu duplicar o número de frequentadores da igreja. Em conversa na qual me contava a história da igreja, ele refletia sobre os desafios que enfrentam as igrejas de imigrantes:

“Você vai, por exemplo, numa igreja adventista hispana e vai encontrar a primeira geração sendo o grupo mais forte. A segunda geração é um pouquinho assim... Mas o que acontece com a terceira geração? Ou ela assimilou a cultura, ou tá na igreja americana, ou tá totalmente fora. Mas eles continuam crescendo porque a primeira geração continua vindo... Bom, o que é que tá acontecendo com o brasileiro, português, italiano? Nós não temos uma border [fronteira], como os mexicanos, nós temos um oceano, uma grande distância e esse é um dos fatores. Bom, o que acontece com o português de Portugal? Ele parou de vir há muito tempo. A primeira geração tem diminuído a cada dia. A segunda geração já está desaparecendo e a terceira você não sabe mais. Você conversa com eles e eles nem falam que são filhos de portugueses! Eu vou à casa de portugueses e vejo o pai, o filho e o neto. Na igreja só tem o pai e o filho. Com o brasileiro é a mesma coisa: a nossa igreja não tem recebido ninguém ultimamente. O que ocorre é que nós precisamos trabalhar para atrair a segunda geração. Hoje eu estou com um número grande de segunda geração, mas pra aceitar a segunda geração eu estou ferindo os princípios da primeira. Quer dizer, eu estou tendo que aceitar os costumes americanos pra mantê-los

aqui dentro. Música, traje, tudo. Por quê? Se não fizermos algo pra segurar a segunda geração nós não vamos ter a terceira dentro. Então nós estamos mantendo agora uma segunda geração esperando que a terceira fique. Eu tenho terceira geração voltando, porque a segunda e a terceira mantêm um vínculo, eles falam perfeito inglês. A terceira já esqueceu, ou nem aprendeu o português. Domingo eu tive visitando um rapaz, eu falo rapaz, mas é um moço casado já. Motocicleta, cabelo comprido, tatuagem. Eu cheguei conversando com ele e perguntei se ele falava português: Yes. Eu perguntei se ele preferia falar em português ou inglês e ele disse: You can speak in Portuguese [Você pode falar em português]. Eu notei o seguinte, a boa vontade. A gente tem que considerar essa abertura deles e investir. Então, toda vez que você ver um indivíduo com headphone [fone de ouvido] na igreja é porque ele não entende português, mas quer estar ali. Eu tenho tradução simultânea de todos os sermões. Por que faço isto? Pensando na terceira geração. A história da língua realmente é impressionante. Quando eu cheguei aqui a gente dizia, aqui é uma igreja que só fala português, ninguém fala inglês. Mas observamos que as crianças não entendiam as histórias quando contadas em português. Além disso, não é só brasileiro e português que temos na nossa igreja. Tenho na minha igreja mexicano e americano casado com brasileira, ou americano que namora com brasileira. Então nós temos que abrir. Eu sofro com a primeira geração porque eu também sou da primeira geração. Tenho velhinhos que estão literalmente doentes com todas essas mudanças. Falo pra eles que se eles tivessem filhos, eles entenderiam melhor. Eu também não aceitava cabeludo, brinco. Um brinco pra mim era uma afronta. Originalmente eu pensava

assim... Então, o argumento que uso para a primeira geração é pedir para eles se colocarem no lugar dos pais cujos filhos estão aqui. A primeira geração só gosta de música clássica, a segunda já é música contemporânea. A nossa igreja está mais ou menos entre os dois. Temos um pouco do contemporâneo, mas ainda mantemos o tradicional. Mas pra manter essas duas culturas num mesmo ambiente é um conflito constante, tenho problemas o tempo todo..."

Não compreender as demandas de uma igreja imigrante é colocar em risco a sua existência a médio prazo, ensinamos Claudiner Mockiuti. Mas, além dos problemas entre gerações e das concessões que precisam ser feitas para a conservação de todas elas na igreja, há que se compreender a ampliação das suas funções em decorrência do fato de ela ser, muitas vezes, o único espaço brasileiro ao qual o imigrante tem acesso.

A posição social do imigrante no país de origem, a sua filiação religiosa, o tempo de imigração e o domínio da língua do país de destino são fatores que influenciam diretamente na intensidade e características das expectativas que criam em relação à igreja e, conseqüentemente, das demandas que produzem.

O domínio do inglês está geralmente relacionado à posição social do imigrante no Brasil. Embora, neste caso, também interfira o tempo de imigração. Assim, embora oriundos das classes trabalhadoras, muitos imigrantes falam o inglês fluentemente depois de alguns anos, sobretudo quando convivem mais proximamente com americanos. Na minha pesquisa exemplificam este caso as empregadas domésticas que residem na casa de patrões americanos e as brasileiras casadas com americanos. Quando o imigrante não domina a língua, imigrou há pouco tempo e já é filiado a alguma igreja protestante no Brasil,

a igreja torna-se praticamente o único espaço onde se socializa com os seus conterrâneos⁶. Ser um espaço onde os indivíduos podem se comunicar na língua materna é um dos fatores apresentados por alguns membros para justificar a própria existência da igreja. David, 35 anos, explica:

"Essa igreja portuguesa existe por uma única coisa, a maioria dos portugueses que estão aqui são pessoas sem estudo, que não falam inglês. Então se eles não têm uma igreja de língua portuguesa eles estão sem religião, praticamente falando. Ou sem um lugar de congregar. Pra mim, por exemplo, essa igreja é dispensável porque eu posso ir pra igreja americana e aproveitar muito mais. Tem igrejas de qualidade superior, mas eu tô aqui pra ajudar, pra ser parte. Quer dizer, falar português não é fundamental pra mim, mas é fundamental pra aqueles que não falam inglês."

Mas nem todos concordam com David e alguns acham que, além da língua, há outros fatores que justificam a existência da igreja. É o caso de Omar, 62 anos, que afirma:

"Essa igreja não é só uma questão da língua não. A minha experiência em igreja americana e hispana sempre foi muito frustrante. Terminava o culto, se não tinha almoço ou alguma comemoração especial, todo mundo ia pra casa. Não tem essa conversa gostosa e sem fim que a gente tem aqui. Os hispanos também, passam pela gente, buenos dias hermano e pronto. Não tem como gente da gente, não é? Que gosta da mesma comida, ri das mesmas piadas, gosta da mesma conversa e tem os mesmos problemas."

Os dois depoimentos discutem os limites e as dificuldades da integração do imigrante. Para aqueles que não falam o inglês ou o espanhol, a igreja é, de fato, o único espaço de

socialização. Indivíduos em tal posição se esforçarão para que a igreja seja mais do que um espaço de evangelização. David distingue enfaticamente a sua situação - alguém que fala inglês fluentemente - daqueles que apenas falam português. Ele tem alternativas, inclusive, melhores. Participa da igreja de Chino "para ajudar", "para ser parte." É óbvio que há outras motivações além das do seu espírito de ajuda: o conforto da cultura compartilhada, uma posição mais valorizada nesta igreja do que em igrejas americanas e assim por diante. No caso de Omar, a igreja de Chino é a melhor alternativa: ele experimentou igrejas americanas de brancos e hispanos, mas foi entre os brasileiros que se sentiu mais confortável. É possível que parte da frustração de Omar se devesse às dificuldades de integração de um negro brasileiro na sociedade estadunidense. Mas mesmo isto, fator tão crucial na definição do espaço social dos indivíduos nos Estados Unidos, não importa tanto para os fins desta discussão sobre a relação entre o domínio do inglês e a maior ou menor dependência das igrejas étnicas. O que se conclui dos dois depoimentos é que, de fato, há uma grande diferença entre os que frequentam a igreja porque ela é a única possibilidade de socialização e os que têm alternativas. Para os primeiros, a igreja é realmente o único refúgio.

É precisamente quando a igreja se transforma no único refúgio do imigrante que ela tem de preencher várias funções e as demandas se ampliam. Ao não domínio do inglês alia-se a impossibilidade de aprendê-lo em curto prazo porque o imigrante não dispõe de tempo ou dinheiro para o empreendimento.

Para além desses casos extremos de dependência, as demandas são sempre muitas e muito variadas. A integração

em posição semelhante à que tinham no Brasil, por exemplo, também tornase parte das responsabilidades da igreja. Assim, motivar os imigrantes a perseguir seus objetivos profissionais ou algo entre seus objetivos e suas chances concretas em um mundo estrangeiro é outra função da igreja, como explica o Pastor David Bravo:

“A igreja, além de ser um ponto de concentração de homens e mulheres com fins comuns, se transforma também num centro terapêutico. É ali onde você vai de alguma forma entregar o que você tem ou o que você gostaria de ter tido e não tem, e seus desafios, frustrações, traumas. Assim, a igreja se transforma também num hospital. Eu observo que aqueles que já trazem os seus títulos de lá [do Brasil] e não conseguem se integrar aqui na mesma área vivem uma frustração constante. E a gente não pode falar que oração, bíblia, ou estar indo pra igreja vai resolver. O negócio é tentar e, com alguns deles temos conseguido, que entrem na escola, para fazer algum curso onde de alguma forma possam alcançar um nível melhor. Mas muitos deles não suportam as dificuldades da integração e voltam para o Brasil.”

Parque de diversões, casa de Deus, família, centro terapêutico, hospital, espaço de evangelização, restaurante, casa de shows, sofá do analista... enfim, a igreja imigrante é tudo isto e mais o que as demandas circunstanciais da vida imigrante reivindicarem. É um dos espaços mais efetivos de socialização do imigrante brasileiro. É preciso apenas não esperar dela ou dos seus frequentadores o mesmo tipo de dinâmica ou demanda de igrejas e frequentadores nativos.

*** Bernadete Beserra é Antropóloga pela Universidade da Califórnia, Riverside e Prof^a. da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.**

NOTAS

- 1 - Sobre os brasileiros em Massachusetts ver Assis (1995), Sales (1999), Martes (2000), Gomes Siqueira & Jansen (2006).
- 2 - A população latina em Los Angeles é estimada em 4.697.509 de uma população total de 14.595.427. Sabah & Bozorgmehr (1996, p. 102) referem-se a projeções produzidas pela Secretaria de Finanças da Califórnia que estimam que esta população crescerá substancialmente de quase 15 milhões em 1990 para aproximadamente 24 milhões no ano 2020. E complementam: “este aumento, provavelmente, resultará da expansão da população latina de quase 5 milhões em 1990 para 12 milhões em 2020.”
- 3 - A sentença entre aspas foi dita por uma brasileira que entrevistei em Los Angeles. Desenvolvo mais profundamente o tema da relação entre brasileiros e outros latinos em Beserra 2005a e Beserra 2005b. Martes (2003), Fleisher (2000) e Tosta (2004) são outros trabalhos que aprofundam o tema.
- 4 - A concentração de adventistas brasileiros em Riverside, Loma Linda e Glendale está relacionada ao fato de que nessas três cidades há grande concentração de adventistas de todo o mundo em função da localização das universidades adventistas de La Sierra e Loma Linda e do Hospital Adventista de Glendale. A população de adventistas em Loma Linda, por exemplo, é tão alta que lá os Correios funcionam aos domingos e não aos sábados, como é comum.
- 5 - Os dados apresentados neste perfil foram coletados através de conversas e entrevistas com 83 frequentadores da igreja, entre novembro de 1997 e novembro de 1999.
- 6 - Restrinjo a minha tese aos protestantes porque os católicos brasileiros – independentemente da posição social – têm outros espaços de sociabilidade além da igreja: bares, restaurantes, academias, clubes e outras associações laicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Gláucia de O.
(1995) “Estar Aqui, Estar lá... O Retorno dos Emigrantes Valadarenses ou a Construção de uma Identidade Transnacional?” *Travessia – Revista do Migrante*, nº 22, pp. 8-14.
- BESERRA, Bernadete
(2005a) “From Brazilians to Latinos? Racialization and Latinidad in the Making of Brazilian Carnival in Los Angeles”. *Latino Studies*. Volume 3, nº 1, pp. 53-75.
- BESERRA, Bernadete
(2005b) “Negotiating Latinidad in Los Angeles: the case of Brazilian immigrants”. In: OCHOA, Enrique & OCHOA, Gilda (Orgs). *Latino Los Angeles: Transformations, Communities, and Activism*. Tucson, The University of Arizona Press.
- BESERRA, Bernadete
(2005c) *Brasileiros nos Estados Unidos: Hollywood e outros sonhos*. Fortaleza/São Paulo/Sta Cruz do Sul, Edições UFC/Hucitec/Edunisc.
- FLEISHER, Soraya
(2000) *Passando a América a Limpo: O Trabalho de Housecleaners Brasileiras em Boston, Massachusetts*. Tese de mestrado. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília.
- GOMES SIQUEIRA, Carlos E. & JANSEN, Tiago
(2006) *Updating Demographic, Geographic, and Occupational Information on Brazilian Immigration to the United States: The Case of Massachusetts*. Latin American Studies Association XXVI International Congress. San Juan, Puerto Rico, Março.
- MARGOLIS, Maxine
(1994) *Little Brazil - An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton, NJ, Princeton University Press.
- MARTES, Ana C. B.
(2003) “Raça e Etnicidade – Opções e Constrangimentos”. In: MARTES, Ana C. B. & FLEISHER, Soraya (Orgs). *Fronteiras Cruzadas – Etnicidade, Gênero e Redes Sociais*. São Paulo, Paz e Terra.
- MARTES, Ana C. B.
(2000) *Brasileiros nos Estados Unidos: Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo, Paz e Terra.
- SABAH, Georges & BOZORGMEHR, Mehdi
(1996) “Population Change: Immigration and Ethnic Transformation”. In: WALDINGER, Roger & BOZORGMEHR, Mehdi (orgs.). *Ethnic Los Angeles*. New York, Russell Sage Foundation.
- SALES, Teresa
(1999) *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo, Cortez Editora.
- THOMAS, W. I. and ZNANIECK, Florian
(1996) *The Polish Peasant in Europe and America*. Urbana and Chicago, University of Illinois Press.
- TOSTA, Antonio L.
(2004) “Latino, eu? The Paradoxical Interplay of Identity”. In: Brazuca Literature. *Hispania*, nº 87, pp. 576-585.

CATARINENSES NA FRONTEIRA MÉXICO – ESTADOS UNIDOS

Gislene Aparecida dos Santos*

O fluxo migratório entre países tem-se apresentado como tema dos mais recorrentes nos meios de comunicação, nas agendas dos organismos internacionais e nos debates acadêmicos. O ano 2004 foi pródigo na exposição da imagem de migrantes brasileiros no exterior. O Banco Mundial divulgou que, para o ano 2003, a remessa dos migrantes do exterior para o Brasil chegava a US\$ 5,2 bilhões¹. Em 2004 o Banco Itaú anunciava o acordo com a Moneygram (empresa de remessas eletrônicas), e o Bradesco, no mesmo ano, informava a parceria com o Bank of America; ambos para receber no Brasil as remessas dos brasileiros residentes nos Estados Unidos². Em 2005, a Caixa Econômica Federal noticiou a abertura de uma de suas agências no distrito de Rio Maina, município de Criciúma, ao sul do estado de Santa Catarina. Através de uma parceria com o Banco Português (Bcpbank, em Nova Iorque), a Caixa atenderá as remessas do migrante catarinense nos Estados Unidos³.

Em janeiro de 2004, cerca de 200 brasileiros foram deportados dos EUA, dos quais 17 provenientes do sul catarinense; no início de agosto 2005, 301 migrantes irregulares também nos EUA foram repatriados para o Brasil, 199 provindos do Estado de Minas

Gerais e 4 da região sul catarinense⁴. Um pouco antes, em dezembro de 2003, a TV Record apresentou documentário dedicado à situação dos migrantes ilegais brasileiros nos Estados Unidos, com cenas vividas em situações de prisão e de deportação. Ao final, depois das imagens sombrias sobre o fracasso da migração, o senador Hélio Costa, com o punho cerrado batendo no peito, afirmava: “Lugar de brasileiro é no Brasil”. Nesses termos, a migração de brasileiros para o exterior, principalmente para os Estados Unidos vai ocupando paulatinamente o debate nacional, representado por distintos discursos: ora a deportação, ora um negócio lucrativo. De certa maneira, a divulgação das remessas que entram no país valoriza a emigração; entretanto, como o fluxo migratório tem-se realizado de maneira irregular, lado a lado ao sucesso migratório se colocam os graves riscos dos ilegais no trajeto migratório.

Para além de um fenômeno que, vez por outra, emerge como problema de ordem nacional, a migração de brasileiros para o exterior constitui, a partir da década de 1980, uma variável inovadora na dinâmica territorial do país. Para entender e iluminar um pouco mais essa dinâmica no território brasileiro, a atenção volta-se aqui para

o processo migratório que tem ocorrido na região ao sul de Santa Catarina em direção aos Estados Unidos. No segundo semestre de 2003, nas cidades de Criciúma, Turvo e Sombrio, municípios localizados no extremo sul catarinense, longas entrevistas com migrantes que retornaram dos Estados Unidos foram realizadas. Os relatos desses migrantes evidenciaram uma situação que se configura hoje constitutiva da experiência migratória para os Estados Unidos: a passagem pela fronteira México-Estados Unidos⁵. Dadas as restrições à entrada de migrantes através da *Lei IIRIRA 96* (Illegal Immigration Reform and Immigration Responsibility Act) e desdobradas após o 11 de setembro de 2001, através do *Usa Patriot Act*, e, em 2002, do *Enhanced Border Security and Visa Entry Reform Act* (EBSVERA), o México se configura como um lugar de passagem, ponto de conexão dos migrantes que em situação irregular objetivam entrar no território estadunidense. O objetivo para este artigo é aclarar a materialidade dessa fronteira, para entendê-la e refletir sobre a empiricidade da rede migratória no sul catarinense que, ao longo dos 3.200 km de extensão fronteiriça, tem aí um dos seus pontos de conexão.

Essa delimitação espacial não é

fortuita. Estimou-se que para o mês de abril de 2005, 4.802 brasileiros foram detidos em território americano na fronteira com o México. De 1999 até 2004 foram capturados cerca de 21.654 brasileiros que tentavam entrar irregularmente nos EUA. No estado do Texas, cerca de 2.499 brasileiros foram detidos em abril de 2005⁶. No México, há cerca de 180 a 200 brasileiros detidos, acusados de ter cometido o crime da transmigração⁷.

Num primeiro momento, o artigo apresenta como esse fluxo migratório se estendeu no sul catarinense. Em seguida, atenta para a área da fronteira México-Estados Unidos, que se tem configurado em um pedaço do território do sul catarinense, ainda que não contíguo. Descreve aqui a evolução da instalação dos objetos técnicos de vigilância nesta linha de fronteira, e através do relato de um jovem migrante do sul catarinense, preso e deportado dos EUA, evidencia a ressurgência do Estado-nação como Estado policial. O que se busca é o significado político de algumas das configurações espaciais, como as operações de vigilância em alguns pontos na fronteira México-Estados Unidos, que demarcam nesta área uma função de controle, cerceando institucionalmente, através da austera presença e força do Estado-Nação estadunidense a circulação de pessoas entre os dois países. Por fim, são feitas algumas considerações visando corroborar as reflexões sobre a emigração de brasileiros para os Estados Unidos.

ANTECEDENTES

Nas entrevistas realizadas no sul catarinense, é possível perceber que ao final da década de 1960 uma diminuta parcela da população de Santa Catarina "ruma" para os Estados Unidos, mais especificamente para o estado de Nova Jersey, na costa leste americana. Os catarinenses, provenientes das cidades

de Criciúma e Araranguá, sul do estado, se dirigiam aos Estados Unidos com objetivos diversos: turismo, dos provindos de uma elite abastada de empresários da mineração do carvão, e estudo, através de intercâmbios culturais; e também profissionais, especialmente dos alfaiates e eletricitistas, migravam à procura de auferir maior rendimento. Esse pequeno fluxo expande-se na década de 70 e, durante quase 10 anos, a cidade de Criciúma vive, embora com pouca intensidade, um pequeno fluxo de migração internacional em direção aos Estados Unidos. Mas só ao fim da década de 1980, mais especificamente no ano 1990, o que até então se configurava como viagens esporádicas, espontâneas, de curta duração, adquire feições de movimento estruturado, no qual homens e mulheres passam a circular entre os dois países, especialmente em busca de maior renda, dando mais vigor e visibilidade ao fluxo. Assim, se durante as décadas de 1960 e 1970 esse movimento restringiu-se a uma parcela com mais recursos econômicos, sobretudo para as famílias da elite dos empresários da mineração do carvão, ao fim da década de 1990 ele se populariza, tomando forma de uma densa rede social da migração, estendendo-se territorialmente por todo o sul catarinense.

O fim da década de 1990 também assiste a crise econômica na região carbonífera, como a crise das indústrias do revestimento cerâmico em 1994. Essas condições provocaram desemprego. Paralelamente, instala-se a economia do vestuário, cuja mão-de-obra é preferencialmente feminina. No município de Turvo, alterações nas bases produtivas agrícolas, sobretudo na rizicultura, se traz uma dinâmica do crescimento interno econômico, não absorve a disponibilidade de mão-de-obra, especialmente a jovem.

Tais condições internas tornam-se fatores que, somados, fazem recru-

descer a rede de relações pessoais já existente desde a década de 1960 entre o Brasil e os Estados Unidos. E especificamente ao final da década de 1990, transformam essa rede primária em uma densa rede social de migração. Segundo Fusco (2002), o fluxo migratório para o exterior que parte de Criciúma, a partir da década de 1990, tem seu ápice entre 1998 e 2000, tomando a direção principal para os Estados Unidos, em direção à grande Boston, região que na época aumenta sobretudo a oferta de empregos para migrantes estrangeiros na área de serviços não-qualificados. Entretanto, o final dos anos 1990 já demarca uma política restritiva migratória nos Estados Unidos, dificultando a entrada legal dos migrantes e aumento do controle na fronteira entre México e Estados Unidos. Ao mesmo tempo, no sul catarinense, a rede social da migração torna-se mais densa, estabelecendo pontos de conexão no México, Canadá, Portugal, Itália e Inglaterra; no Brasil (Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Amazonas, Rio de Janeiro).

Em cada lugar onde a rede se conecta, diferentes relações são vivenciadas: desde laços de amizade e parentesco, a relações com os coiotes, com agenciadores de viagem e falsificadores de documento. Segundo relato de alguns migrantes, como se tornou difícil tirar o visto de entrada para os EUA como procedente do sul catarinense, alguns deles têm optado por fazê-lo pela cidade do Rio de Janeiro. Agentes de viagem encaminham os migrantes, que lá permanecem de 10 a 15 dias. Nesse ínterim desembolsam uma quantia significativa de dinheiro e alugam (através dos agenciadores) um apartamento naquela cidade, o que favorece a tirada do visto de entrada para os EUA. Outro ponto de conexão, como já dito, localiza-se na fronteira entre México e os Estados Unidos, que apresenta sua particu-

laridade espacial. Se os contatos para a travessia legal são tecidos na base de relações locais, ao adentrarem outros pontos, como no território mexicano, outros agentes da rede tomam força. Os laços locais que impulsionam primeiramente a migração legal passam a estar subordinados (quando a migração se torna indocumentada) às redes internacionais, que desenvolveram um complexo sistema de organização para o tráfico ilegal de migrantes. Assim, o migrante que parte do sul catarinense, ao chegar ao México, passa a depender, naquele lugar, de outros que não os seus de origem. Dependendo da quantia de dinheiro, os atores que agem na área fronteira (como os coiotes) podem ou não realizar a passagem para os Estados Unidos.

Em Criciúma, Araranguá, Sombrio, Santa Rosa do Sul e Turvo, a rede da migração possui diferentes atores que atuam da escala local à internacional. Em dois pontos, no sul catarinense, essas conexões se intensificam: Criciúma e Araranguá. Nesses lugares, diversos serviços são “ofertados”: agências de viagem, serviços de advogados fornecendo os documentos e casas de câmbio, para a remessa do dinheiro. O terceiro nó dessa rede migratória se localiza na fronteira México-Estados Unidos, especialmente nas cidades de Tijuana e Juarez, no México, e nas cidades de San Diego, El Paso e Dallas, nos Estados Unidos. As cidades de San Diego, San Isidro e El Paso configuram-se como importante nó da rede migratória do sul catarinense. Esse trânsito tem-se constituído, entretanto, como uma das conexões mais violentas no trajeto da migração, violência essa tanto direta (extorsão de dinheiro, tráfico), como a institucional, legitimada pelas restrições e coerções do Estado norte-americano. Essa institucionalização manifesta-se materialmente nos artefatos que são incorporados à paisagem, como barreiras de aço, torres

de vigilância e aumento do número de policiais na fronteira para conter esses migrantes. Tais obstáculos, se restringem jurídica e policialmente a entrada de migrantes nos Estados Unidos, não impedem que as pessoas realizem a liberdade mais elementar, que é a de circular entre coisas e lugares. Daí a intensificação de uma migração indocumentada e clandestina para os Estados Unidos. Nesse sentido, a próxima seção analisa a materialidade dessa fronteira, através das injunções da política americana e suas implicações no movimento migratório do sul catarinense.

A FRONTEIRA VIGIADA

Como demarcação física de unidades nacionais distintas, a *fronteira* moderna ocidental surge com o Estado-Nação soberano. Institucionaliza-se entre os séculos XVIII e XIX, como corolário de uma nova grafia na paisagem dos Estados Nacionais. É notório verificar que o termo *migração* foi criado “após o estabelecimento dos Estados-Nação para descrever o *cruzamento*, por *estrangeiros*, de suas *fronteiras*, que passaram a ser definidas por linhas contínuas e precisas (...). Posteriormente, passou a ser aplicado para a travessia de qualquer linha territorial político-administrativa” (Morén-Alegret *apud* Geiger, 2002, p. 212. Grifo meu). Temos assim o nascimento de uma família de conceitos, normas e instrumentos que, embora aparentemente distintos, estarão indissociavelmente articulados para regular e controlar o movimento de pessoas entre diferentes países.

No Ocidente, a primeira demarcação de uma área de fronteira mais bem esboçada que se pode observar “é a parte da fronteira que separa o México dos Estados Unidos. Não seria exagero afirmar que este é o berço da fronteira. Todos os princípios estratégicos a ele ligados encontraram sua expressão, se não sua origem, nessa

estreita zona entre a América anglo-saxônica e a América Latina” (Rufin, 1991, p.137). No século XIX, segundo o mesmo autor, logo após a anexação da porção norte do México pelo EUA, a área limite do Rio Grande foi marcada por intensa vigilância militar, para controlar uma possível reivindicação do antigo território mexicano (agora pertencente aos Estados Unidos), com a manutenção de tropas na área fronteira pelos Estados Unidos.

É também a partir da segunda metade do século XIX, que austeras restrições à entrada de migrantes chineses são legitimadas nos EUA, redundando no “Ato de exclusão de 1882”. Em 1892, segundo Torpey (2000) instituiu-se o uso obrigatório da fotografia no passaporte dos migrantes chineses, com o objetivo de inibir a falsificação dos documentos e sua permanência ilegal no país. As restrições aos migrantes chineses desencadearam, como aponta Andreas (2000), o tráfico ilegal destes migrantes ao longo da fronteira entre México e os Estados Unidos. Como resposta, inspetores americanos foram enviados para esta fronteira, com o propósito de reprimir esta travessia. Instala-se assim, especialmente ao sul da Califórnia, o primeiro sistema de vigilância para deter migrantes chineses ilegais.

Em 1924 é criada uma organização permanente, a Border Patrol – “Patrulha da Fronteira”. Desde sua criação, esse sistema de patrulhamento tem o objetivo de vigiar o movimento das pessoas na fronteira. Mas, somente em 1953 é que se verifica o maior número de apreensões de migrantes mexicanos nesta fronteira. Se para o ano de 1947 registram-se 182.000 apreensões, para 1953, um ano antes da implantação da “Operação Wetback”, o número de apreensões sofre um aumento vertiginoso, salta para 850.000. A Operação “Wetback” implicou no retorno forçado para o México de muitos migrantes

mexicanos que trabalhavam nos EUA.

Mais recentemente, na metade dos anos 1980, manifesta-se o reforço de vigilância na fronteira entre o México e os Estados Unidos, com ação conjunta do INS (Immigration and Naturalization Service), forças militares e paramilitares, apreendendo vários migrantes indocumentados. A política do Governo Carter (1977-1980), embora pautada mais pela ênfase aos Direitos Humanos do que pela segurança nacional, estabelece uma agenda política de tratamento para a América Latina “que abrangesse tópicos de interesse comum: economia, não-intervenção, não-proliferação, imigração, drogas, disputas territoriais e a democracia” (Pecequillo, 1999, p.167).

As ameaças vindas da América Latina (migração e drogas) são encaradas como problema de Segurança Nacional na administração Reagan e justificam a instalação de

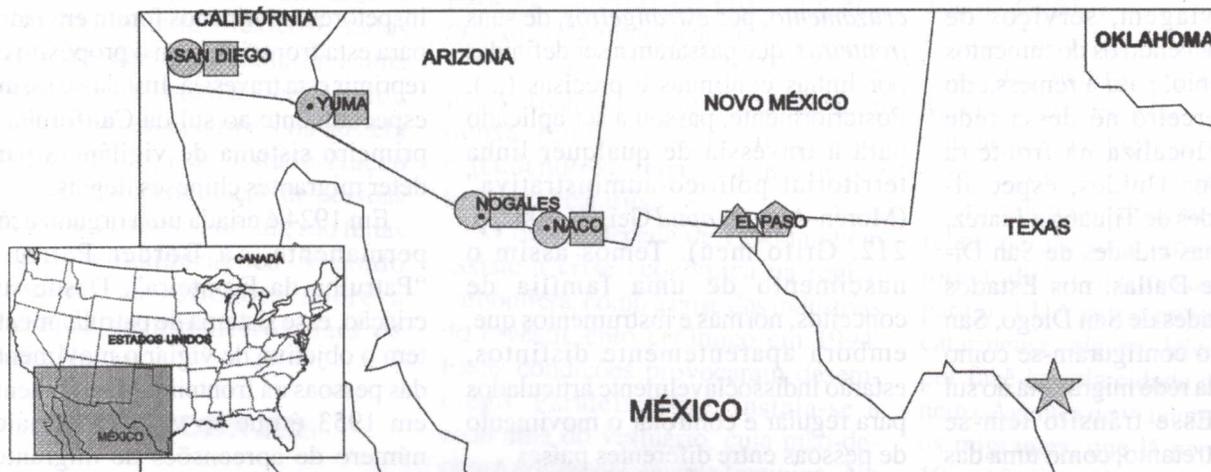
objetos de controle e vigilância na área fronteira. Assim, o incremento e sofisticação de um sistema técnico de vigilância atingem seu ponto culminante na década de 1980, precisamente, como enfatiza Andreas (2000), em 1984, quando a migração se apresenta como problema de ordem de segurança nacional, e a fronteira ao sudoeste é reivindicada como arena política e manifestação do poder do Estado norte-americano. Técnicas de guerra usadas na década de 1970 no território vietnamita serão transpostas para esta linha de fronteira, com o objetivo de deter o cruzamento de migrantes ilegais (Foucher, 1991).

Nesse contexto, em 1986, a operação “War on Drugs”, amparada na legislação IRCA (Immigration and Reform and Control Act), já se configura, na segunda metade da década, uma ostensiva ação ao longo da fronteira, com aparato de estratégia militar. Os objetos que aí se fixam vão

desde helicópteros, como o OH6, sobrevoando diariamente a área fronteira, aparelhados de recursos fotográficos de longa distância, ao uso de cães farejadores rastreando migrantes. Os helicópteros são equipados com “170 sensores invisíveis de raios infravermelho, direcionais e magnéticos, com geofones sísmicos, capazes de sinalizar uma presença humana, por seus passos ou pelo calor do corpo, como também indicar a direção do seu deslocamento. Os sinais são transmitidos a um ordenador central que informa as patrulhas, todas equipadas de materiais ultramodernos de comunicação”. (Foucher, 1991, p. 423). Forma-se assim, através da injunção dessas técnicas de vigilância, a primeira fronteira eletrônica com monitoramento integral para deter migrantes.

Entretanto, as medidas policiais e penais mais restritivas aos migrantes indocumentados foram acordadas na

MAPA 1: FRONTEIRA MÉXICO – ESTADOS UNIDOS: Localização das principais operações de vigilância.



OPERAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	SÍMBOLO
BLOCKADE (1993)	EL PASO	▲
HOLD-THE-LINE (1993)	EL PASO	◑
GATEKEEPER (1994)	SAN DIEGO, NOGALES, YUMA, NACO	●
GUARDIÁN (1994)	SAN DIEGO, NOGALES, YUMA, NACO	■
RIO GRANDE (1997)	SUDOESTE DO TEXAS	★

Fonte: Gislene A. dos Santos, com base em: Andreas Peter (2000); CRLAF (2002).
Elaboração: Simone Valaski
Escala: 1:17.500.000

administração Clinton (1993-1999), aumentando as operações da Border Patrol em áreas urbanizadas. O número de agentes da patrulha da fronteira aumentou de 3.389 em 1993 para 8.200 em 1999. Só em San Diego, este número mais do que dobrou: de 998 agentes em 1994 para 2.264 em 1998. Esse esforço defensivo é baseado na estratégia espacial desenvolvida pelo INS em 1993, chamada “prevention through deterrence”. Essa estratégia teve o seu lançamento pela “Operação Blockade”, mais tarde designada como “Operação Hold-the-Line” e, em 1994, a “operação Gatekeeper”. A estratégia dessas operações, através da ação da Border Patrol, é justificada para evitar e restringir a entrada de migrantes pela fronteira urbana. Como sua ação se estende entre San Diego, Tijuana e El Paso, os migrantes buscam outra rota para a travessia, distante dos sistemas de vigilância e da patrulha da fronteira. Entretanto, a travessia pelo deserto tem elevado significativamente o número de mortes. No período de 1995 a 2003, quando foram instaladas as operações citadas, estima-se que 2.600 migrantes não documentados tenham morrido cruzando a fronteira (conforme CRLAF, 2003)⁸. Somente para o ano 2005, 500 migrantes foram mortos tentando cruzar a fronteira⁹. O mapa 1 apresenta uma síntese da evolução das operações de vigilância sobre a fronteira a partir dos anos 1990.

A “operação Rio Grande”, considerada uma das mais equipadas tecnicamente, é provida de sofisticados objetos de vigilância instalados ao sudoeste do Texas: 20 torres de vigilância, com câmaras de vídeo e raios infra-vermelho que se estendem a 31 milhas ao longo do rio. Em Douglas (Arizona) cerca de 5.000 milhas de muro de aço atravessam a cidade ao longo de linha fronteira. Na cidade de Água Prieta (Sonora/México), a população praticamente duplicou em 10 anos. Em 1990 cerca de 60.000

habitantes para 120.000 habitantes em 1999. Tal aumento se deve a presença de migrantes temporários, à espera da passagem para os EUA. No ano 1999 a patrulha apreendeu cerca de 20.000 migrantes indocumentados por mês nesta cidade (Andreas, 2000). As Operações “Gatekeeper” e “Guardian” atuam efetivamente sobre o estado do Arizona, considerada a área de fronteira mais porosa, onde se estima que no ano 2005 tenham sido pegos 51% dos migrantes que adentram ilegalmente nos EUA. Além das operações, uma cerca de oito quilômetros divide a cidade de Nogales, em um dos trechos mais populosos ao longo da fronteira. E, em Yuma só para o ano 2001, depois da instalação das operações, foram registradas cerca de 20 mortes de migrantes.

Além destas operações, um grupo paramilitar denominado “Minuteman” partindo do sul do Arizona, da cidade de Tombstone, atua cerceando migrantes nos dois lados da fronteira. Organizam-se em grupos de 4 a 6 pessoas e formam um cerco, na área desértica, ao longo da divisa entre os dois países. Desmobilizam o trabalho de entidades que dão assistência aos migrantes e caçam estrangeiros ilegais, entregando-os à Polícia da Fronteira¹⁰.

Logo depois do atentado de 11 de setembro, entrou em vigor a mais recente lei, promulgada em 2002: o *USA Patriot Act* e, em 2002, *Enhanced Border Security and Visa Entry Reform Act* (EBSVERA). Esta última lei, mais uma vez, através de sofisticadas tecnologias de imagem e informação, permite ao Estado norte-americano a legitimidade para efetuar maior policiamento na zona fronteira e maior fiscalização aos migrantes estrangeiros no interior dos Estados Unidos. Os mais diferentes dados sobre as pessoas são conectados, desde biométricos aos de consumo, e molda-se um perfil da periculosidade do migrante.

Esta vigilância amplia-se e no ano 2005, o DHS (Department of Homeland Security) justificou a implantação do SBInet – Secure Border Initiative, no qual cerca de 400 representantes do setor privado desenvolvem um programa de vigilância para esta fronteira. O Objetivo deste programa segundo o DHS, através de um integrado sistema de infra-estrutura e tecnologia de informação é: “criar um integrado sistema de segurança na fronteira com esforço para reduzir a entrada ilegal de imigrantes para os EUA”¹¹. Este programa foi inaugurado nos anos 1980 com o presidente R. Reagan para incentivar, como informa o próprio DHS, o setor privado de tecnologia de informação e vigilância, e teve continuidade no ano 2006, na administração do Presidente Bush, para atuar diretamente na fronteira.

É nesse contexto que muitos migrantes do sul catarinense, ao serem impedidos pelos meios oficiais de entrar legalmente nos Estados Unidos, tentam entrar pela fronteira. Para o momento o relato da fixação dos sistemas de vigilância na área fronteira basta.

A seguir é apresentado um fragmento de entrevista com um migrante provindo do sul catarinense, preso e deportado dos Estados Unidos.

A PRISÃO

Em agosto de 2004, um jovem de 19 anos parte da pequena cidade de Turvo, no sul catarinense, com destino aos EUA, especificamente Boston, onde já estavam o irmão, a tia, tio e primos. Antes de embarcar trabalhava como ajudante no açougue de uma mercearia. Com o segundo grau completo, freqüentava o curso de Informática em uma faculdade privada, mas com poucas garantias de uma mobilidade econômica, resolve seguir o trajeto do irmão que embarcara para os EUA em 2000. Com as austeras medidas de segurança nacional,

intensificadas a partir do 11 de setembro de 2001, impedindo a entrada de migrantes latino-americanos no território estadunidense, o caminho que encontrou para entrar, como muitos outros do sul catarinense, foi pela fronteira México-Estados Unidos. Entretanto, a travessia fracassa e ele é preso pela polícia da fronteira.

*“Eles me pegaram, aí eu desanimei da vida. Mas eles não maltrataram, não faz nada, nem algemar nem algemaram. Só me olharam, me registraram, viu que eu não tinha nada, perguntaram de onde é que eu era, que país eu era, tudo em inglês ainda. **Where are you from? Aí eu: I’m from Brasil.** Daí me levaram pra essa paradinha ali, e era tipo uma centralzinha ali onde eles engenhavam toda a documentação. Ali eles te faziam toda a documentação, se tinha fiança. Até na hora, quando eles tavam te mandando assinar tinha um intérprete. Daí falava pro cara e o cara falava comigo. Oh, tá vendo esse papel aí? Tá vendo esse trecho aí, quer que eu leia? dá uma lidinha. Daí ele pegava e lia e eu pegava, e nossa era um calhamaço de papel. É tudo em inglês, tudo em inglês. Aí fizeram toda essa documentação, eu assinei tudo. Pra te dizer que eu cheguei 2 horas da tarde e fui sair dali já era 5 da manhã. Sem comer nada, sem tomar nada, e frio! Aonde era essa salinha ali, no fim eu fui saber que chamam de geladeira, com ar condicionado direto. Daí fizeram a minha documentação, eu saí 5 horas da manhã de lá, e levaram pra essa central lá; Daí eu nem sei te dizer onde era aquilo lá, eu sei que era lá em El Paso. Daí lá eu dormi 2 noites. Não é grade, nada, é tipo um quarto fechado, só que é aqueles vidros que não enxerga quem tá fora, mas quem tá fora enxerga quem tá dentro, e no ar condicionado, nossa! tava frio! e eu tava todo molhado ainda e deitava, deitava no chão ainda, tinha que dormir no chão naquelas duas noites*

ali. Só que ali eles te deixavam ali porque, porque daí no caso tinha 12 barracas, eles chamavam de barracas, é tipo um ginásio de esportes, o tamanho dessas barracas que é dentro onde ficam as pessoas, eles me deixaram dois dias ali, depois no fim eu fui saber por quê. Porque todo mundo passava por aquilo ali. Porque tinham que fazer uma série de exame médico pra ver se tu não tinha nenhuma doença pra ficar junto com as outras pessoas. Lá o tratamento é nossa, o tratamento deles lá, pra tu tá detido é muito mais que 10. Era porque é assim: nos EUA tem detenção, detenção é isso aí pra migrante ilegal, e tem o cárcere, aí é prisão mesmo, é grade, é separado. Daí eu tava na detenção, fiquei 2 dias lá, até fazer todos os exames; nossa! bate eletro, bate tudo, exame geral mesmo! Aí se tu tá bem de saúde, se não tem nenhum problema, depois desses dois dias eles te mandam pra barraca, aí fui lá pra barraca, fui pra 8A, aí lá todas as barracas, tem 12, lá é assim: eu botei a roupa azul, a roupa azul porque era a primeira vez, era migrante, tal. Mas tinha a roupa azul, a laranja e a vermelha. A azul porque era a primeira vez, a laranja porque já tinha duas vezes caído lá dentro, porque tinha um crimezinho, e a vermelha era pra quem era traficante, era matador. (...). Bem, daí no fim depois nós ficava lá preso e pra não ficar lá parado, tu ia trabalhar na cozinha, ia trabalhar de pintar, eu trabalhava de pintar na rua assim, de pintar parede, janela, pra não ficar parado.”

A – Você ficou lá quantos dias?

B – “Dois meses [pausa]. Tá louco, dois meses lá, ficar parado lá, no ar condicionado. Fica nesse galpão assim, tudo aberto, tem 80, 40 beliche, cabe umas 80, 100 pessoas, assim. Cada barraca dessas tem, na maioria cada barraca tem brasileiro, tem 2, 3, 4 brasileiros. Nessa que eu fui tinha 6 brasileiros, tem gente do

mundo inteiro, tinha mais de 22 países diferentes, da Palestina, China, onde tu pensar tem, mundo inteiro, Rússia, Iraque, nossa! o mundo inteiro tá ali dentro!.. Aí tu vai trabalhar, no fim fiquei trabalhando lá, pintando e tal, e aí no caso ali, no refeitório ali, eu tava pintando com as mulheres, também trabalhei na cozinha só que não gostei.”

A – Eles é que impõem?

B – “Não, trabalha se quer, se não quiser trabalhar tu fica lá o dia todo, morrendo lá, na barraca (riso). Mas tudo tem horário. Onde tivesse trabalhando tinha gente cuidando. Sempre um responsável pra te cuidar, um policial, no caso. Na pintura, ele que ordenava onde tinha que pintar, onde não tinha. Não na cidade, mas dentro do departamento, é grande. Imagina tem 12 barracas daquela ali, com 90, 80 pessoas lá dentro, é gigante, né? Daí ficava lá pintando essas barracas, ficava pintando as partes de dentro lá do presídio. Ganhava um dólar por dia (rindo), pra pintar o dia inteiro.”

A – E a sua situação, você sabia como estava? Eles o informavam?

B – “Na hora que chega lá também, tu não sabe pra onde vai, né? Tu não sabe se vai pra uma cadeia de grade, tu nunca sabe, já tinha um mês que tava lá e não tinha sido chamado ainda, entendeu? Porque é muita gente, e quando tu chega lá, tem muito brasileiro e aí acumula, eles vão selecionando. Os que são os mais velhos vão na frente, e quando tem muito, daí demora. No caso, quando eu cheguei lá não tinha muito, tinha uns 60, uns 40 só. Daí foi rapidinho minha Corte, daí cheguei lá deu 4 dias fui chamado pra falar com o juiz, daí tu chega lá e tem uma intérprete também. Daí eu cheguei na semana que ele me chamou lá de novo, como eu ia tentar a fiança, ele começou a fazer as perguntas referente a isso, por que eu queria ficar ali, quais

eram as razões que eu tinha pra ficar lá, se eu tinha trabalho lá, se eu tinha parente lá, pai, mãe. Daí, enfim falei, não levei nenhum papel, não provei nada pra ele. Ele disse assim: não, pelas leis dos EUA tu não tens motivo nenhum pra estar aqui e tal e então nós vamos te deportar. Dali ele deu minha deportação, desse dia em diante tem no mínimo 15 dias pra ficar lá dentro, garantidos. Pra tu ter sorte, e ainda nos 15 dias tu ir embora, mas como estava meio emboladinho, tinha muita gente, tudo depende deles, né? a hora que tu vai embora, a hora que não vai. Daí enfim ele me deu essa deportação, aí duas semanas, depois eu fiquei mais 6 semanas lá até ir embora, porque eles vão descartando os que estão mais tempo lá. (...) No certo mesmo deu 58 dias que eu fiquei lá. O consulado do Brasil é só isso mesmo. Eles só vão te auxiliar, daí tinha telefone gratuito pra tu ligar pra lá, mas eles só dizem que tem que esperar, que não adianta, que vai depender deles ali, quando eles arrumar vaga no avião pra te mandar, que eles não podem fazer nada. Daí tinha que esperar, tinha que esperar eles lá, até a hora que eles achassem que tava na minha hora. Nunca sabe a hora que tu vai embora também, é uma agonia desgraçada. Não sabe a hora que vai embora, não sabe nada. Só vai saber a hora que vai embora, quando eles te chamam lá pra lavar a roupa, porque quando você chega lá eles tiram a sua roupa e colocam tudo dentro de uma caixa, nem lavam nada. Colocam dentro de uma caixa, tipo aquela de correio de plástico que tem nos aeroportos, botam lá e aí na hora que eles te mandam embora aí eles te mandam lavar a roupa. Porque lá tem lavanderia também, se quisesse trabalhava em lavanderia. A coisa é grande, daí na hora que eles te mandar lavar roupa, é porque tu vai embora. Eles vão lá, tiram a tua caixa e mandam pra lavanderia. Na hora que vai lavar a

roupa, aí tu ôh, opa, agora tá na hora. Na hora que eles mandam lavar a roupa, aí nesse período de 2, 3 dias aí tu tá indo embora. Às vezes, tu até lava de noite e de manhã já tá indo, porque eles também não te falam quando tu vai.”

A – Você fica sabendo na hora?

B – *“Só na hora mesmo, pra dizer que eu lavei era umas, nossa! 2 horas da tarde, daí no outro dia fui dormir, e era duas horas da manhã eles me chamaram pra vir embora. Daí eu cheguei lá na sala lá, um camarada lá. Me acordaram, vamos que tá na hora. Aí fomos pra lá, tinha uma peruana, tinha uma de El Salvador, Chile, iam ser tudo deportado também. Mas era assim, de costume era toda vida chamado 10 brasileiros pra ir embora, toda semana era 10 brasileiros pra ir embora e naquela ali, chamaram só eu.”*

Na casa de detenção, na “Avenue Montana” em El Paso, tão semelhante a um “ginásio de esportes”, ou a um acampamento militar, as barracas se distribuem entre os corredores, limpos e invisivelmente vigiados. A experiência de estar em outro país se limita a estar confinado nessa prisão por vários meses, entre outros migrantes, estrangeiros e prisioneiros. Cerceados em todos os seus movimentos, inclusive os de necessidade fisiológica, ali esperam.

Na prisão, vigiados por modernas técnicas de controle, é destituído de seu nome e passa a ser designado pelo número 8A. O ritual da punição, com a vestimenta azul, assinala sua condição de migrante “indesejado”. Como para o migrante, e aqui seguindo Sayad (1998), é o trabalho que justifica sua partida da sociedade de origem e lhe permite ser aceito no país de destino - é o trabalho que funda a razão da migração -, ao ser encarcerado, o trabalho lhe é arrancado, e assim a

própria condição social e econômica que o define como migrante lhe é negada.

Para não perder a sua subjetividade e identidade (migrante para o trabalho), pinta as paredes da prisão. Pinta repetidas vezes, instituindo assim a inutilidade daquilo que o define: o trabalho. Distante geograficamente dos limites administrativos e territoriais de sua nação de origem, o “Where are you from?” já designa que o onde é uma demarcação não somente geográfica, mas atua como distintivo do lugar que sua nação de origem ocupa no imaginário da sociedade que o recebe. Dupla exclusão: do país receptor, que o trata como ilegal, e do Estado de origem, que permite sua ilegalidade em outro país. Destituído de toda comunicação, pois o único canal de informação de que dispõe são as cartas (que levam 15 dias para serem recebidas), entre visitas e mais visitas à Corte espera um veredicto para sua situação. Ausente da nação, e ilegítimo, sem identidade na nação que o recebe, o imigrante acaba, “como, por exemplo, acaba o deportado, não sendo mais nada: nada além de uma individualidade singular e corporal, um corpo biológico e técnico” (Sayad, 1998, p. 273).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Prisão e deportação merecem ser contempladas hoje como “experiências” constitutivas da emigração do sul catarinense. O migrante está hoje demarcado por essa fronteira: tem gastos ao permanecer ali dias, escondido em hotéis, à espera das três batidas na porta que sinalize a hora que pode atravessar. Nesses dias, sua estada ilegal e escondida assinala perversamente o encontro de duas nações distintas, marcadas por relações que se constituíram historicamente assimétricas. Ainda que seja óbvio, não é banal reiterar que se os fluxos de capi-

tal atravessam as fronteiras nacionais, e se o sistema financeiro se serve de alta tecnologia de informação para a remessa das divisas, não é possível deixar de reconhecer que se para o capital o Estado quebra a fronteira nacional, para o corpo do migrante essa fronteira ainda está bem presente e fortalecida policialmente. As coerções, materializadas na fronteira, remetem à necessidade de discutir a ressurgência do Estado-nação, no contexto de uma nova ordem internacional pós-1989, que tem uma ostensiva manifestação de poder atuando coercitivamente sobre trabalhadores migrantes.

*** Gislene Aparecida dos Santos é geógrafa, Profª assistente do Dpto. de Geografia da UFPR, doutoranda e integrante do Grupo de Pesquisa em Redes e Organização Territorial/ Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC.**

NOTAS

1 - Ver: Inter-American Development Bank. 2004. "Sending Money Home: Remittance to Latin American and the Caribbean". Disponível em: www.iadb.org/mif/V2/files/StudyPE2004eng.pdf - Acesso em: 12/06/2005.

2 - Conforme Gazeta Mercantil, de 12/04/2004: "Emigrantes repatriam US\$ 2 bilhões, diz BC". Gazeta Mercantil, 24 e 25/04/2004: "O bom dinheiro dos brasileiros nos exterior". Gazeta Mercantil, 22/04/04: "Brasileiros em Portugal são uma mina para o BB". Gazeta Mercantil, 05/04/2005: "Brasileiro nos EUA terá acesso à bolsa". Jornal Valor Econômico, 06/05/2004, ano 5, nº 1004: "Bancos cobijam dólar de brasileiros". "Remessas de brasileiros atraem bancos locais". Quanto à análise sobre a contradição entre um discurso valorativo das remessas e o tratamento político conferido aos migrantes brasileiros, ver artigo de Igor J. R. Machado (2005).

3 - Em: Notícias da Caixa, 13/04/2005. Disponível em: www.fenag.org.br/caixa.htm - Acesso em 24/04/2005.

4 - Conforme Jornal da Manhã, 03/08/2005.

5 - Desde maio de 1998 tenho convivido

com migrantes do sul catarinense que retornaram dos Estados Unidos. Durante os meses de junho a dezembro de 2003, ouvi, gravei e transcrevi cerca de 15 entrevistas feitas com migrantes que retornaram de lá. Já em 1998, das 20 entrevistas que realizei com migrantes provindos de Criciúma, Sombrio, Turvo, Siderópolis e Santa Rosa do Sul, 5 relataram a travessia pela fronteira entre México-Estados Unidos e sua condição de migrante irregular nos Estados Unidos. Entretanto, o aprisionamento e a deportação somente relatadas nas entrevistas realizadas no ano 2003.

6 - Folha de São Paulo, 05/05/2004.

7 - Conforme relato Ministro Manoel Gomes Pereira, Diretor-Geral do Departamento das Comunidades Brasileiras no Exterior, em: "Ata da Oitava Reunião Ordinária da Terceira Sessão Legislativa Ordinária da Quinquagésima Segunda Legislatura da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional" (12/05/2005, p 28). O crime de transmigração ocorre quando um estrangeiro ultrapassa o território irregularmente de um país para chegar a um terceiro.

8 - Somente a partir de 1998 foram registradas as mortes dos migrantes ao longo da fronteira. Tais registros entretanto, para os migrantes provindos do México e da América Central. Sobre a distribuição espacial das mortes dos migrantes na fronteira ver artigo de Claudia E. Schmidt em: <http://www.stopgatekeeper.org/Espanol/ponencia.htm> - Acesso em: 28/04/06. Análise de cunho metodológico sobre a morte dos migrantes na fronteira, ver: K. Eschbach, et al. (1999).

9 - Noticiado em: <http://www.elpais.es> - Acesso em 26/01/06.

10 - Notícias sobre o Projeto Minutem, podem ser encontradas em: www.comunidadenews.com/Article.php?id=802 - Acesso em 15/03/06.

11 - Detalhamento sobre o programa SBInet disponível em: www.cbp.gov/xp/cgov/newsroom/press-releases/012006/01262006.xml - Acesso em 20/03/06. Informações sobre as grandes e pequenas empresas do setor privado que atuam no Programa SBInet disponível em: www.cbp.gov/linkhandler/cgov/toollok/contracting/sbi-net/registration-form/sbi-large.pdf - Acesso em 20/03/06.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREAS, P.
(2000) *Border Games: Policing the U.S. - Mexico Divide*. Ithaca: Cornell University Press.
- CALIFORNIA RURAL LEGAL ASSISTANCE FOUNDATION (CRLAF)
(2002) Disponível em: <http://www.stopgatekeeper.org> - Acesso em: 24/08/2005.
- ESCHBACH, K. et al.
(1999) "Death at the Border". *International Migration Review*, Vol 33, número 2, pp.430-454.
- FOUCHER, M.
(1991) *Fronts et frontières. Un tour du monde géopolitique*. Paris: Fayard.
- FUSCO, W. et al.
(2002) "Brasileiros nos Estados Unidos e Japão". *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto, CD-ROM.
- GEIGER, P. P.
(2002) "Migrações internacionais e transnacionalismo na atualidade". *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 17, nº 1/2, pp. 213-216.
- MACHADO, I. J. de R.
(2005) "Implicações da Imigração Estimulada por Redes Ilegais de Aliciamento - O Caso dos Brasileiros em Portugal". *Socius*, nº 3. Disponível em: http://wp200503.pdf+Bid+remessa+divisas+migrantes&hl=pt-BR&lr=lang_pt&ie=UTF - Acesso em: 15/05/05.
- PECEQUILO, C. S.
(1999) *Continuidade ou Mudança: a política externa dos Estados Unidos*. Tese de Doutorado. FFLCH, Depto. Ciência Política, USP.
- RUFIN, J. C.
(1991) *O império e os novos bárbaros*. Rio de Janeiro: Ed. Record.
- SAYAD, Abdelmalek
(1998) *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp.
- TORPEY J.
(2000) *The Invention of the Passport: Surveillance, Citizenship and the State*. New York, Cambridge University Press.

EMPRESÁRIOS BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS

Ana Cristina O. Siqueira *

Pesquisas recentes sobre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos nos fornecem informações valiosas sobre a atuação dos brasileiros como empresários (Martes, 2000, 2001; Sales, 2003; Werneck, 2004). Sales (2003) informa que os brasileiros residentes na região de Boston e na cidade de Framingham, Massachusetts, têm uma forte atuação empresarial. Werneck (2004) reporta a existência de cerca de 350 empresas brasileiras em Massachusetts, as quais geram em torno de 180 milhões de dólares em impostos estaduais, contribuindo para o desenvolvimento econômico de cidades como Framingham.

No entanto, apesar de ter produzido uma gama de excelentes estudos, a pesquisa sobre os brasileiros nos Estados Unidos se concentra na maior parte das vezes em levantamentos baseados em um pequeno número de entrevistados (por exemplo, Martes, 2000). Como as conclusões são derivadas em sua maioria de amostras não probabilísticas, os resultados não podem ser considerados como representativos da população brasileira nos Estados Unidos. Desse modo, a pesquisa sobre os brasileiros nos Estados Unidos pode ser enriquecida através de estudos baseados em dados

de larga-escala, produzidos através de amostras probabilísticas, como os do censo. Neste artigo, eu apresento evidência sobre empresários brasileiros nos Estados Unidos com base no censo norte-americano. Eu avalio a representatividade do censo com relação aos imigrantes brasileiros na próxima seção.

IMIGRANTES BRASILEIROS E A REPRESENTATIVIDADE DO CENSO NORTE- AMERICANO

Diversos estudos sobre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos enfatizam a idéia de que o censo subestima o número de brasileiros no país (Beserra, 2003; DeBiaggi, 2002; Margolis, 1998, 2003; Martes, 2000; Sales, 2003). No entanto, eu proponho uma outra perspectiva sobre este assunto ao recorrer a diferentes métodos. Primeiro, eu elaboro uma comparação entre as estimativas do censo e as do Ministério das Relações Exteriores (MRE) para o número de brasileiros nos Estados Unidos. Nesta comparação, eu incluo imigrantes de primeira geração bem como aqueles de segunda geração, o mesmo critério usado pelo MRE em suas estimativas.

Ou seja, eu incluo brasileiros nascidos no Brasil e aqueles nascidos em outros países ou nos Estados Unidos, os últimos também chamados de *Brazilian-Americans*. *Brazilian-Americans* constituem, de acordo com o censo, cerca de 16% dos brasileiros nos Estados Unidos. Finalmente, eu agrupo geograficamente as estimativas do censo conforme o critério do MRE referente às áreas de jurisdição dos consulados (Brazilian Embassy in Washington, DC, 2005). A Tabela 1 apresenta os resultados.

O censo representa mais de cem por cento do número de brasileiros estimado pelo MRE na jurisdição consular de Chicago, como mostra a Tabela 1. Deste modo, se as estimativas do MRE estão corretas, estudos baseados em dados do censo para esta jurisdição consular devem ter uma alta representatividade – ao contrário da idéia divulgada na atual literatura acadêmica.

Além disso, o censo representa cerca de 63% dos brasileiros nas jurisdições consulares de Los Angeles e São Francisco, e em torno de 44% dos brasileiros na jurisdição consular de Miami. Este grau de representatividade é significativo,

particularmente se considerarmos a possibilidade dos dados do MRE estarem superestimados. Martes (2000) informa que o MRE nos anos 90 usou estimativas da Arquidiocese de Boston, as quais por sua vez basearam-se em estimativas informais de agências de viagens e remessas de dinheiro, de maneira que pode ter ocorrido sobreposição de dados. Como os dados do MRE podem estar superestimados em algumas regiões, é razoável supor que os dados do censo possam ser representativos dos brasileiros nas jurisdições consulares de Miami, Los Angeles, e São Francisco, onde o censo representa uma grande proporção das estimativas do MRE.¹ Portanto, é possível que dados do censo para as jurisdições consulares de Chicago, Miami, Los Angeles, e São Francisco possam representar a população brasileira nestas regiões.

DADOS E AMOSTRA

Eu uso dados de uso público do censo 2000 norte-americano (Ruggles et al., 2004). Eu limito a amostra aos estados da Flórida e Califórnia,² regiões em meio a um grande fluxo de imigração (Waters, 1999). Subsequentemente, eu limito a amostra a brasileiros na condição de responsáveis pelo domicílio, morando em áreas metropolitanas, com pelo menos 18 anos, e ativos na força de trabalho civil e remunerada.

Além disso, eu estabeleço um ponto de corte excluindo da amostra os indivíduos que ganham anualmente menos de 5 mil dólares provenientes de suas empresas (Bates, 1997). Este ponto de corte é necessário porque o

Tabela 1 - Número de Imigrantes Brasileiros: Estados Unidos, ano 2000

Jurisdições Consulares Brasileiras	MRE ^a	Censo ^b	Censo/MRE (%)
Boston	225.000	43.599	19%
Chicago	12.000	14.572	121%
Houston	300.000	12.892	4%
Los Angeles + São Francisco ^c	70.000	43.948	63%
Miami	150.000	65.297	44%
Nova York	359.000	74.406	21%
Washington, DC	44.000	15.127	34%
Total	1.160.000	269.841	23%

Fonte: ^a Ministério das Relações Exteriores. ^b Censo 2000 dos Estados Unidos, amostra de 5% (Ruggles et al., 2004).

Nota: ^a Estimativas referentes aos seguintes anos: 2004 (Boston, Chicago, Miami, Nova York, e São Francisco), 2003 (Houston, e Los Angeles), e 2002 (Washington, DC), excluindo indivíduos em prisões.

^b Dados com aplicação de peso estatístico. As áreas geográficas excluem Bahamas, Porto Rico, Virgin Islands, e Bermuda Islands, pois os dados não apresentam informações para estas regiões (Ruggles et al., 2004).

^c As jurisdições consulares de Los Angeles e São Francisco abrangem cada qual um grupo de cidades na Califórnia (Brazilian Embassy in Washington, DC, 2005). No entanto, os microdados não apresentam informações para cidades individualmente por medidas de segurança (Ruggles et al., 2004). Por isso, a Tabela 1 considera o estado da Califórnia como um todo, integrando as jurisdições de Los Angeles e São Francisco.

censo classifica trabalhadores com múltiplas fontes de emprego de acordo com a relação de emprego na qual eles trabalharam por mais horas na semana de referência do censo. Desse modo, um indivíduo que ganha anualmente menos de 5 mil dólares através do seu negócio e declara ser um dono de negócio pode, na verdade, ser um trabalhador assalariado que trabalha ocasionalmente como empresário (Bates, 1997). Indivíduos que trabalham em um emprego assalariado e, esporadicamente, como empresários são propensos a apresentar condições de trabalho específicas, as quais merecem uma análise em separado. O ponto de corte ajuda a prevenir o risco de incluir no estudo pessoas que trabalham ocasionalmente como empresários entre os donos de negócio. Este estudo considera como donos de negócio as pessoas que se encaixam nos critérios de seleção da amostra mencionados no parágrafo anterior e que ganham anualmente pelo menos 5 mil dólares através de suas empresas. A Tabela 2 mostra as ocupações mais frequentes entre os donos de negócio.

A ocupação mais comum entre os empresários brasileiros é a de trabalhador no ramo de limpeza de casas, como revela a Tabela 2. Na Flórida, limpadores de casas e edifícios representam cerca de 29% dos empresários. Na Califórnia a ocupação mais frequente também é no ramo de limpeza de casas, representando cerca de 15% dos empresários. Importantes conclusões ficam evidentes ao examinarmos a distribuição dos empresários conforme o grau de escolaridade através da tabela 3.

Uma parcela expressiva dos empresários brasileiros tem curso superior completo ou pós-graduação, tanto na Califórnia (52%) quanto na Flórida (48%), como mostra a Tabela 3. Esta parcela é ainda maior entre os empresários no ramo de limpeza de casas na Califórnia, dos quais 66% tem curso de graduação ou pós-graduação. Na Flórida, 38% dos empresários no ramo de limpeza de edifícios tem graduação ou pós-graduação, e entre

os empresários no ramo de limpeza de casas, dos quais a vasta maioria é composta por mulheres, 29% tem curso superior ou pós-graduação. Este resultado parece refletir o fato de que muitos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos trabalham em empregos aquém de suas aptidões profissionais ou de forma inconsistente com o seu nível educacional (Sales, 1995). Por exemplo, Fleischer (2002) reporta o caso de brasileiros imigrantes com curso superior trabalhando na limpeza de casas. Esta situação de discrepância entre a preparação educacional e a posição ocupacional aparece, portanto, retratada também no censo.

CONCLUSÃO

Este estudo mostra que a ocupação mais frequente entre os empresários

Tabela 2 - Ocupações Mais Frequentes entre Empresários Brasileiros: Flórida e Califórnia, 2000

Estado	Ocupações Mais Frequentes
Flórida	Trabalhadores no Ramo de Limpeza de Casas (25%)
	Supervisores/Gerentes de Vendedores no Ramo de Varejo (8%)
	Trabalhadores no Ramo de Limpeza de Edifícios (4%)
	Trabalhadores em Serviço de Babá (4%)
	Motoristas de Caminhão ou Entrega de Mercadorias (4%)
	Trabalhadores no Ramo de Construção (3%)
Califórnia	Advogados (3%)
	Trabalhadores no Ramo de Limpeza de Casas (15%)
	Gerentes, Outros (7%)
	Cabeleireiros e Cosmetologistas (5%)
	Supervisores/Gerentes no Ramo de Construção (5%)
	Fotógrafos (5%)
Programadores de Computador (5%)	
Designers (5%)	

Fonte: Censo 2000 dos Estados Unidos, amostra de 5 por cento (Ruggles et al., 2004).

Nota: Os números entre parênteses são porcentagens relativas ao número estimado de empresários brasileiros em cada estado. Número estimado de empresários brasileiros na Flórida = 1.209, número de empresários brasileiros na Califórnia = 783, conforme ponto de corte e critério de seleção da amostra. Dados com aplicação de peso estatístico.

Tabela 3 - Escolaridade e Gênero dos Empresários Brasileiros: Flórida e Califórnia, 2000

Estado	Ocupação	Gênero	%	Escolaridade ^a	%
Flórida	Todos	Mulheres	37	Segundo grau incompleto	15
		Homens	63	Segundo grau completo	37
	Limpeza de Casas	Mulheres	92	Curso superior completo	48
		Homens	8	Segundo grau incompleto	27
				Segundo grau completo	44
	Limpeza de Edifícios	Mulheres	38	Curso superior completo	29
Homens		62	Segundo grau incompleto	--	
			Segundo grau completo	62	
Califórnia	Todos	Mulheres	34	Curso superior completo	38
		Homens	66	Segundo grau incompleto	--
	Limpeza de Casas	Mulheres	79	Segundo grau completo	48
		Homens	21	Curso superior completo	52
				Segundo grau incompleto	--
				Segundo grau completo	34
			Curso superior completo	66	

Fonte: Censo 2000 dos Estados Unidos, amostra de 5% (Ruggles et al., 2004).

Nota: % = percentual relativo ao número de brasileiros no citado grupo ocupacional em cada estado.

^a Segundo grau incompleto ou menor nível de escolaridade; segundo grau completo ou superior incompleto; curso superior completo ou pós-graduação.

Número estimado de empresários brasileiros na Flórida: total = 1.209; na limpeza de casas = 301 e na limpeza de edifícios = 52; número estimado de empresários brasileiros na Califórnia: total = 783, e na limpeza de casas = 114; conforme ponto de corte e critério de seleção da amostra. Dados com aplicação de peso estatístico.

brasileiros na Califórnia e Flórida é no ramo de limpeza de casas. Zsembik (2000, p.235) enfatiza a idéia de que “as economias metropolitanas da Flórida parecem ser suficientemente diversas e dinâmicas para absorver relativamente grandes fluxos migratórios internacionais e internos de latinos e latino-americanos.”³ Porém, embora a economia da Flórida tenha proporcionado aos brasileiros oportunidades de atuação como empresários, vários deles parecem restritos a posições empresariais de baixo status ocupacional. Como Martes (2000, p.101) coloca, “chamar a faxina doméstica de *business* pode ser interpretado como um eufemismo que visa a encobrir o rebaixamento do status ocupacional que o imigrante desfrutava no Brasil.”

A atividade empresarial de brasileiros, no entanto, estende-se além da limpeza de casas e edifícios em um gama de ocupações e setores econômicos. A expansão das empresas brasileiras produz resultados econômicos que podem trazer consequências positivas não só para a comunidade brasileira mas também para outras comunidades locais e grupos empresariais. Por exemplo, Sales (2003) destaca o fato de que associações profissionais e bancos de Massachusetts demonstram interesse em estabelecer vínculos com a promissora comunidade empresarial brasileira na região. Pesquisas futuras poderiam estudar o desenvolvimento de redes sociais ligando agentes da comunidade econômica a empresários brasileiros na Califórnia e Flórida e o papel destas redes em beneficiar a expansão de empresas brasileiras nos Estados Unidos.

* Ana Cristina O. Siqueira é *Mestranda em Sociologia na Universidade da Flórida.*

NOTAS

1 - É possível que os dados do censo subestime seletivamente imigrantes sem documentação. Se imigrantes não autorizados estiverem sub-representados nos dados, o censo pode refletir principalmente a situação da população de imigrantes em condições legais. Porém, como o censo entrevista a população em geral, incluindo imigrantes não documentados, e não registra informações sobre status legal, não é possível determinar com certeza a magnitude desta potencial sub-representação.

2 - Cerca de 71% dos brasileiros na jurisdição consular de Los Angeles e São Francisco encontram-se no estado da Califórnia, e em torno de 82% dos brasileiros na jurisdição consular de Miami encontram-se no estado da Flórida.

3 - Tradução da autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATES, Timothy

(1997) *Race, Self-Employment, and Upward Mobility: An Illusive American Dream*. Baltimore, MA: Johns Hopkins University Press.

BESERRA, Bernadete

(2003) *Brazilian Immigrants in the United States: Cultural Imperialism and Social Class*. New York: LFB Scholarly Publishing [livro eletrônico].

BRAZILIAN EMBASSY IN WASHINGTON, DC

(2005) “List of Consular Jurisdictions in the United States.” Washington, DC: Brazilian Embassy. Retrieved November 17, 2005 (http://www.brasilemb.org/consulado/consular_jurisdictions.shtml).

DEBIAGGI, Sylvia D. D.

(2002) *Changing Gender Roles: Brazilian Immigrant Families in the U.S.* New York: LFB Scholarly Publishing.

FLEISCHER, Soraya R.

(2002) *Passando a América a Limpo: O Trabalho de Housecleaners Brasileiras em Boston, Massachusetts*. São Paulo: Annablume.

MARGOLIS, Maxine L.

(1998) *An Invisible Minority: Brazilians in New York City*. Boston, MA: Allyn and Bacon.

MARGOLIS, Maxine L.

(2003) “Na Virada do Milênio: A Emigração Brasileira para os Estados Unidos.” In: MARTES, Ana Cristina B. and FLEISCHER, Soraya. *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, Gênero e Redes Sociais*. São Paulo: Editora Paz e Terra, pp. 51-72.

MARTES, Ana C. B.

(2000) *Brasileiros nos Estados Unidos: Um Estudo sobre Imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra.

MARTES, Ana C. B.

(2001) *Empresários Brasileiros em Boston*. São Paulo: EAESP.

RUGGLES, Steven; SOBEK, Matthew; ALEXANDER, Trent; FITCH, Catherine A.; GOEKEN, Ronald; Patricia Kelly, HALL; KING, Miriam and RONNANDER, Chad

(2004) *Integrated Public Use Microdata Series: Version 3.0* [Machine-readable database]. Minneapolis, MN: Minnesota Population Center [producer and distributor]. Retrieved November 12, 2005 (<http://www.ipums.org>).

SALES, Teresa

(1995) “O Trabalhador Brasileiro no Contexto das Novas Migrações Internacionais”. In: PATARRA, Neide L. 1995. *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, pp. 90-103.

SALES, Teresa

(2003) *Brazilians Away from Home*. New York: Center for Migration Studies.

WATERS, Mary C.

(1999) “Immigrant Dreams and American Realities: The Causes and Consequences of the Ethnic Labor Market in American Cities.” *Work and Occupations* 26, nº 3, pp. 352-364.

WERNECK, José I.

(2004) *Com Esperança no Coração: Os Imigrantes Brasileiros nos Estados Unidos*. São Paulo: Augurium Editora.

ZSEMBIK, Barbara A.

(2000) “The Cuban Ethnic Economic and Labor Market Outcomes of Latinos in Metropolitan Florida.” *Hispanic Journal of Behavioral Sciences* 22, Nº 2, pp. 223-236.

RELATO

SAÚDE E SEGURANÇA NO TRABALHO DO BRASILEIRO EM MASSACHUSETTS

A EXPERIÊNCIA DO “PROJETO PARCERIA”

Tiago Jansen *

Carlos Eduardo Siqueira **

Andréa Barbosa *

É para trabalhar e juntar dinheiro a curto e médio prazo que a grande maioria dos emigrantes brasileiros deixa o Brasil com destino aos Estados Unidos. Os trabalhos disponíveis para os imigrantes são aqueles menos desejados pela população local, ou seja, os mais perigosos e com menores rendimentos. Ao mesmo tempo, saúde e segurança no trabalho não são prioridades na empreitada do imigrante, que acaba se sujeitando a situações de risco para a sua saúde que, antes da imigração, não se submeteria na maioria dos casos. Outros fatores como a situação de indocumentado, a falta de fluência em inglês, a inexperiência na nova atividade e as diferenças culturais, dentre outros, também acabam contribuindo para tornar estes trabalhadores ainda mais vulneráveis a acidentes e enfermidades ocupacionais.

O Projeto Parceria ou COBWEB em inglês (*Collaboration for Better Work Environment for Brazilians*) surgiu a partir de um esforço conjunto do Departamento de Ambiente do Trabalho (*Work Environment Department*) da Universidade de Massachusetts Lowell (UMass Lowell), do Centro do Imigrante Brasileiro (CIB) - organização não-governamental (ONG) criada em 1985 por trabalhadores imigrantes brasileiros em Boston - da *Massachusetts Coalition for Occupational Safety and Health* (MassCOSH), uma ONG do estado de Massachusetts que luta pelos direitos dos trabalhadores, e de dois centros de saúde: o *Lowell Community Health Center* e o *Massachusetts General Chelsea Health Center*.

Este artigo objetiva descrever e analisar as principais experiências deste projeto nos seus três primeiros anos.

Pesquisadores, líderes comunitários e demais interessados no estudo da emigração brasileira para os EUA encontrarão aqui exemplos de trabalhos que podem ser realizados com comunidades imigrantes. O foco do Projeto Parceria é saúde e segurança no trabalho, mas nossas experiências podem ser transplantadas para outras temáticas. Em cada parte do artigo descreveremos as atividades realizadas e faremos comentários sobre dificuldades e/ou sucessos dos métodos empregados.

O Projeto Parceria tem trabalhado nos últimos três anos junto à comunidade de trabalhadores imigrantes brasileiros de Massachusetts para promover melhorias nas condições de saúde e segurança no trabalho dos brasileiros que trabalham neste estado, em particular no Leste do estado. O Projeto Parceria é financiado pelo NIEHS (Instituto Nacional de Ciências de Saúde Ambiental), órgão do governo americano que tem custeado outros projetos semelhantes com o intuito de buscar justiça ambiental para populações menos favorecidas dentro dos Estados Unidos. Trata-se de projeto de pesquisa com participação comunitária, que tem os seguintes objetivos:

- a) Coletar dados sobre trabalhadores imigrantes brasileiros, em particular dados demográficos, sobre riscos no trabalho, relacionados com a imigração brasileira, e a experiência dos brasileiros como imigrantes nos Estados Unidos;
- b) Identificar riscos no trabalho de brasileiros que trabalham em limpeza de casas (*housecleaners*) e negócios (*janitors*), na construção civil (pintores, carpinteiros, telhadores, “quebragatos”, e diaristas), jardinagem, e em restaurantes e estabelecimentos que vendem comida (como na franquia

americana Dunkin Donuts, onde muitos brasileiros trabalham como balconistas);

c) Elaborar currículo apropriado culturalmente para o nível de educação e alfabetização dos trabalhadores brasileiros, a fim de disseminar informação sobre riscos no trabalho;

d) Recrutar e treinar uma equipe de capacitadores em técnicas de ensino de adultos para que estes treinem trabalhadores brasileiros em questões básicas de saúde e segurança no trabalho dos setores mencionados acima;

e) Elaborar estratégias de pesquisa e políticas para minimizar riscos à saúde ocupacional, juntamente com exposições ocupacionais de trabalhadores imigrantes brasileiros em trabalhos de limpeza (ex: substituição de produtos químicos tóxicos), construção civil, jardinagem e serviços de alimentação.

PESQUISA

O Projeto Parceria tem coletado dados quantitativos e qualitativos para ampliar o conhecimento sobre questões específicas relativas à saúde ocupacional do trabalhador imigrante brasileiro. A saúde do trabalhador imigrante brasileiro nos Estados Unidos é um assunto que ainda não foi abordado de forma profunda por nenhum trabalho científico de conhecimento dos autores, apesar de, como descrito acima, o trabalho ser central na vida do imigrante.

Inicialmente foram realizadas “conversas culturais,” (Fawcett, 1996) uma técnica semelhante a “grupos focais,” porém com formato menos rígido, para identificar os temas geradores no dia-a-dia dos trabalhadores imigrantes brasileiros. Foram realizadas “conversas culturais” com 6 grupos distintos, com em média 10 participantes em cada. Os grupos foram divididos por profissão: *housecleaners*, pintores, trabalhadores de restaurantes e cadeias de *fast-food* e jardineiros. Os dois grupos restantes foram compostos por brasileiros donos de pequenas companhias de construção residencial e jovens estudantes de “high school.” As transcrições das conversas culturais foram analisadas no *software* Nvivo.[®]

Este método de coleta de informações se mostrou acertado para entrevistar grupos de brasileiros, porque permitiu que cada conversa tomasse a direção que os trabalhadores consideraram mais importante e facilitou o diálogo livre e aberto entre os participantes. Foi surpreendente a qualidade e a quantidade de informações coletadas através desta atividade, que facilitou sobremaneira a priorização das atividades do projeto e a elaboração do questionário formulado para a parte quantitativa da pesquisa. Estas informações iniciais acabaram por moldar o direcionamento de todo o projeto.

O próximo passo foi a realização de uma pesquisa quantitativa, em desenvolvimento neste momento, através

de questionário administrado por entrevistadores do projeto. Até o presente momento cerca de 400 questionários já foram administrados. Nosso objetivo é entrevistar mil trabalhadores. O questionário contém perguntas relativas às condições de emprego e de trabalho, treinamentos recebidos no Brasil e nos Estados Unidos, condições de saúde (incluindo saúde ocupacional), características demográficas e fatores sócio-econômicos.

Esta pesquisa nos possibilitará ampliar o atual conhecimento sobre a realidade vivenciada no trabalho pelos brasileiros imigrantes do estado de Massachusetts, contribuindo principalmente com informações relativas à saúde e segurança no trabalho.

Porém, os pesquisadores do Projeto Parceria não consideram correto dissociar o trabalho dos demais fatores determinantes da vida do imigrante. É necessário compreender a fundo a vida cotidiana do imigrante, que influencia a vida laboral, e vice-versa. Para tanto, além de contar com as experiências vivenciadas nos treinamentos e nos contatos permanentes com trabalhadores brasileiros, a equipe do projeto tem levantado uma variedade de informações complementares sobre a população brasileira residente em Massachusetts, como perfil de atendimento à saúde, demográficas, distribuição geográfica no estado e nível sócio-econômico.

Em parceria com o consulado brasileiro em Boston coletamos fichas de cadastro para retirada de passaportes do ano de 2003 (um total de 8623 fichas). O projeto criou um banco de dados com informações sobre idade, gênero, estado civil, ocupação, naturalidade, e cidade e estado de residência nos EUA. Não foram recolhidas informações pessoais. Da mesma forma, coletamos dados de duas instituições parceiras do projeto: o Centro do Imigrante Brasileiro e o *Lowell Community Health Center*. No momento estamos trabalhando com dois centros comunitários de apoio à comunidade, um em Allston e outro em Framingham. Nestes, o projeto contribuiu com capacitação técnica para a criação de banco de dados que inclui as fichas de cadastro de assistência a brasileiros que estas instituições já possuíam. No futuro próximo o projeto irá reunir e analisar este conjunto de dados demográficos, o que permitirá traçar um perfil quantitativo e qualitativo mais fidedigno da população imigrante brasileira em Massachusetts.

TREINAMENTO

O Projeto Parceria pretende aumentar o nível de conhecimento da comunidade brasileira em Massachusetts sobre a saúde do trabalhador. É importante que os imigrantes, recém-chegados ou não, compreendam os riscos a que estão expostos e incorporem o assunto saúde e segurança no

trabalho na sua conversa do dia-a-dia, e que este assunto faça parte do arsenal de conhecimentos da sua rede de relações sociais (amigos, família, colegas de trabalho, etc).

O primeiro grupo ocupacional escolhido para ser treinado foi o das *housecleaners*, devido não só a alta prevalência deste trabalho entre as mulheres brasileiras vivendo no estado (Fleischer, 2002), como também aos conhecidos riscos que este trabalho possui: riscos ergonômicos causados por posições incômodas e movimentos repetitivos, exposição a produtos tóxicos e longas jornadas de trabalho.

Inicialmente, este treinamento utilizaria o sistema de *peer-leaders* (ou multiplicadores), em que um pequeno grupo de *housecleaners* receberia treinamentos com certa profundidade e passaria a ser multiplicador da informação recebida. Ocorreram muitas dificuldades para implementar este tipo de capacitação, principalmente devido à impossibilidade de encontrar *housecleaners* que se disponibilizassem por um período longo de tempo.

A solução encontrada foi adaptar o formato para o treinamento de apenas uma *housecleaner*, que se dispôs a trabalhar com o projeto e que felizmente já possuía experiência trabalhando com produtos naturais de limpeza, também conhecidos como “*green cleaners*”. Como parte do treinamento, Dr. Jansen e a *housecleaner* elaboraram um curto treinamento em saúde e segurança no trabalho para *housecleaners* de duas horas de duração, a ministrar-se como seminário. A participação da *housecleaner* brasileira foi fundamental para o sucesso do treinamento, pois permitiu um maior entendimento dos problemas diários vivenciados pelas *housecleaners* em Massachusetts e o tornou mais prático e próximo das experiências diárias dos participantes. Entretanto, a dificuldade de formar grupos de *housecleaners* para participar dos seminários se manteve.

Os primeiros esforços do projeto visando recrutar *housecleaners* para os seminários se basearam na colaboração de algumas instituições locais que trabalham com brasileiros: BIC, LCHC, Brazilian American Association (BRAMAS) e Grupo Mulher Brasileira. Poucos brasileiros compareceram aos primeiros treinamentos realizados nestas instituições, o que tornou necessária a busca de novas formas de acesso à comunidade. Foi através de um trabalho conjunto com as igrejas brasileiras da região que este acesso se deu. Padres e pastores divulgaram os treinamentos em seus cultos e missas, além de ceder espaço em suas igrejas e templos para a realização dos seminários, onde os participantes se sentiam confortáveis. Através deste trabalho conjunto com igrejas o projeto treinou aproximadamente trezentas *housecleaners* em nove seminários realizados em oito cidades de Massachusetts: Boston, Cambridge, Lowell, Peabody, Acton, Somerville, Framingham e Quincy. A partir desta experiência

positiva com as igrejas, o projeto aprofundou relações com alguns padres e pastores mais interessados em trabalhos comunitários, o que tem sido importante para a divulgação de todas as atividades do projeto.

O seminário incluiu uma apresentação em *Power Point*[®] e diversos materiais impressos. O primeiro se mostrou importante pelo impacto visual e o segundo permitiu que os trabalhadores levassem informações para casa (lista de produtos de limpeza não tóxicos, explicação sobre direitos trabalhistas, panfletos de instituições de apoio à imigrantes, etc).

No segundo ano do projeto o público alvo dos treinamentos tem sido os trabalhadores da construção civil, por ser este um dos setores que mais emprega brasileiros do sexo masculino em Massachusetts. Além disso, o setor encontra-se entre os que mais expõem os trabalhadores a riscos de lesões, doenças e acidentes no trabalho. Assim como na experiência com as *housecleaners*, a principal forma de acesso a essa população tem ocorrido através das igrejas. Inicialmente são feitas discussões com a comunidade sobre os perigos e riscos enfrentados por quem trabalha em diversos tipos de trabalho na construção civil. A partir daí são identificados grupos de trabalhadores mais homogêneos e agendados treinamentos específicos para cada área de atuação (pedreiros, pintores, carpinteiros, trabalhadores em telhados, etc.).

Outra estratégia utilizada tem sido a identificação de pequenas empresas de construção de brasileiros, que através de um longo processo de treinamento e capacitação fornecido pelo Projeto Parceria, passariam a funcionar como empresas-piloto e se transformariam em modelos de trabalho seguro e saudável no setor. Nosso objetivo no caso da construção também é formar multiplicadores capacitados para disseminar os conhecimentos aprendidos nos seminários. Durante os treinamentos são utilizadas técnicas participativas de aprendizado, tais como atividades de grupo, demonstrações de materiais e equipamentos, simulações e projeção de vídeos e fotografias, permitindo um maior envolvimento dos trabalhadores. Também contamos com a presença de parceiros importantes como profissionais de saúde e segurança da Secretaria de Segurança e Saúde no Trabalho dos Estados Unidos (*Occupational Safety and Health Administration ou OSHA*) e representantes de firmas que vendem equipamentos de proteção para auxiliar na apresentação dos conteúdos práticos do treinamento.

No trabalho da construção civil foi imprescindível envolver no processo educativo as pequenas empresas e seus proprietários. Ao contrário do exemplo das *housecleaners*, em que os trabalhadores têm relativa autonomia para alterar o seu processo de trabalho, os trabalhadores da construção dependem do empregador ou patrão para melhorar as condições de saúde e segurança dos seus ambientes de

trabalho. A principal dificuldade encontrada para a realização destes treinamentos é a falta de disponibilidade dos trabalhadores, que quase sempre trabalham em longas jornadas semanais. Uma das soluções encontradas para este problema foi aproveitar dias de neve ou chuva para realizar o treinamento.

MÍDIA E ARTE COMO INSTRUMENTOS EDUCATIVOS

O Projeto Parceria tem enfatizado o uso de recursos midiáticos e artísticos em suas atividades educativas, como ferramentas para veicular informações e facilitar o processo educativo da comunidade brasileira sobre saúde e segurança do trabalho. Esta é mais uma metodologia de trabalho que o projeto encontrou para que este assunto seja incorporado ao cotidiano da comunidade brasileira e que a preocupação com a prevenção faça parte do seu cotidiano. Na área de mídia e comunicação, veículos como jornal, rádio, televisão e internet vêm sendo utilizados.

Há cerca de dois anos a equipe do projeto escreve colunas semanais em jornais étnicos locais, como atualmente no jornal "A Notícia," abordando temas referentes à saúde e segurança no trabalho, atenção médica, seguro de saúde, imigração, atividades do projeto e outros variados tópicos de interesse da comunidade. O Projeto Parceria também tem sido referência para a imprensa americana local e de outros estados americanos, além de ser fonte de informações para jornais brasileiros, tais como a Folha de São Paulo, O Globo, e O Estado de São Paulo, quando estes jornais cobrem assuntos relacionados à população imigrante brasileira, suas condições de trabalho e problemas nos Estados Unidos.

Além da imprensa escrita, o projeto mantém um programa semanal de rádio em português, o "Radiola Brasil," que faz parte da programação da emissora de rádio da Universidade de Massachusetts Lowell, abrangendo uma área geográfica na qual residem cerca de 2.2 milhões de pessoas. O programa conta com a participação de convidados da comunidade brasileira e americana (profissionais de saúde, representantes de organizações governamentais e não-governamentais, padres, pastores, etc.) para esclarecer e divulgar assuntos de interesse comunitário, apresentando também música popular brasileira para os ouvintes. No momento os programas estão sendo gravados para que possam ser utilizados em outras rádios comunitárias, ampliando sua audiência e o alcance da informação oferecida.

A participação do projeto na televisão ainda encontra-se em fase de negociação. Até o momento houve participação da equipe em programas de entrevista conduzidos por jornalista brasileira em televisão a cabo local e entrevista para programa da TV Globo Internacional. No momento está

em discussão a produção de programas específicos sobre o tema saúde no trabalho em TVs comunitárias e universitárias.

Recentemente, a página web do Projeto Parceria foi criada, apresentando informações sobre o projeto, dados gerais sobre a população imigrante brasileira, artigos, notícias, divulgação de eventos e *links* para outros portais importantes. Este site pode ser acessado no endereço www.cobwebproject.org.

Vale ressaltar que para obter resultados e ampliar o acesso à comunidade vem sendo necessário um trabalho de articulação com profissionais de área de comunicação, lideranças brasileiras e americanas, professores universitários e parcerias com organizações governamentais e não-governamentais.

Integrada ao componente midiático do projeto encontra-se a utilização de elementos artísticos como ferramenta de aprendizagem. Para tanto, diversos métodos foram utilizadas, incluindo a educação popular de Paulo Freire (Freire, 1970). Um exemplo disso foi a criação de um grupo de teatro, chamado Ponto de Partida, que é aberto e gratuito para toda a comunidade brasileira, sem limitação de sexo ou idade. O grupo foi criado pela psicóloga e educadora Mariana Wagner, que fez parte da equipe do projeto e possuía experiência prévia no uso da arte para fins educativos. O processo criativo do grupo incluiu o uso de fotografias para identificação dos riscos enfrentados pelos brasileiros nos seus ambientes de trabalho (*Photovoice*). As fotos forneceram temas geradores para discussões sobre saúde e segurança no trabalho, com a participação de inspetores da OSHA. A partir da percepção do grupo sobre os riscos no trabalho foram selecionadas fotografias e elaborados textos referentes às mesmas, culminando com a confecção de um *quilt* (colcha de retalhos), elemento tradicional da cultura americana. Este *quilt* tem sido utilizado em outros eventos e atividades educativas do projeto como material auxiliar no processo de conscientização dos trabalhadores brasileiros.

O grupo Ponto de Partida elaborou também um roteiro para peça teatral, que inclui conteúdos de experiências reais vivenciadas por trabalhadores imigrantes brasileiros. Com base no roteiro da peça teatral um membro do grupo filmou o DVD "Sonho Meu, Realidade Nossa," que vem sendo apresentado para a comunidade como instrumento para gerar discussão e debate sobre a vida do imigrante brasileiro em Massachusetts. Cópias do DVD estão sendo distribuídas para líderes da comunidade brasileira e pesquisadores da justiça ambiental nos Estados Unidos. Este filme tem promovido um rico processo de troca de informações sobre migração e trabalho entre os imigrantes brasileiros. Todas estas formas alternativas e populares de disseminação de conhecimento e informação têm sido fundamentais para envolver a população brasileira local no trabalho do Projeto Parceria. Apesar de

resultados muito positivos, não é fácil manter pessoas envolvidas por muito tempo. Com algumas exceções, a rotatividade dos participantes nas atividades artísticas é alta, o que dificulta a continuidade do trabalho. Temos, porém, muito claro que esta dinâmica faz parte do contexto da vida do imigrante.

PARCERIAS

O Projeto Parceria tem sido bem sucedido em ampliar as parcerias estabelecidas no início do projeto em 2003. Depois de um ano de trabalho em colaboração com uma inspetora do trabalho da OSHA, o Projeto Parceria foi fundamental para que esta organização firmasse uma "Aliança" oficial com o CIB. Esta Aliança, na verdade, faz parte da política do governo em buscar cooperação com organizações da sociedade civil para melhorar as condições de trabalho através de atividades voluntárias de treinamento e educação de trabalhadores e empresários. Independentemente da nossa dúvida sobre a eficácia desta política em mudar as condições de trabalho dos trabalhadores brasileiros, achamos que a parceria com a OSHA tem contribuído para que entendamos melhor os riscos enfrentados pelos trabalhadores brasileiros e para o treinamento de trabalhadores brasileiros sobre a legislação americana de saúde e segurança no trabalho.

O projeto também realizou uma nova parceria com o Programa de Vigilância Ocupacional da Secretaria de Saúde Pública de Massachusetts (DPH). Nesta colaboração, o Projeto Parceria possibilita a divulgação para o público americano e brasileiro de folhetos em português e inglês descrevendo as causas diretas de todos os trabalhadores que morreram por acidentes do trabalho nos últimos três anos. Além disso, esta parceria tornou possível aprofundar o trabalho de vigilância epidemiológica das fatalidades ocorridas, visando torná-las "sentinela" das condições de trabalho enfrentadas por imigrantes brasileiros, ou seja, que brasileiros e americanos aprendam sobre os riscos no trabalho enfrentados pelos imigrantes brasileiros ao informarem-se sobre as causas das mortes no trabalho.

Em nível de sociedade civil, o projeto colabora com outros projetos de pesquisa comunitária similares, dirigidos a outros grupos imigrantes como cabo-verdianos ou vietnamitas. A colaboração com estes projetos tem permitido a troca de experiências e a organização de atividades comuns para mudar leis ou influenciar órgãos do governo responsáveis pela pesquisa em saúde e segurança no trabalho, como o Instituto Nacional de Saúde e Segurança do Trabalho (NIOSH). Um importante parceiro do Projeto é o Grupo da Mulher Brasileira, uma organização não-governamental (ONG), organizada por mulheres imigrantes brasileiras em Boston. O Projeto Parceria tem colaborado com o Grupo

para organizar uma cooperativa de limpeza residencial ecológica, que faz parte do projeto de justiça ambiental liderado pela Tufts University, de Medford, Massachusetts.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração de centenas de milhares de brasileiros para o Japão, Europa e Estados Unidos nas últimas duas décadas indica que uma significativa força de trabalho imigrante brasileira já se constituiu nestes países. Considerando que os brasileiros trabalham em situações perigosas e em trabalhos que os expõem a riscos de adoecer, lesionar-se ou até mesmo morrer, o tema de saúde e segurança no trabalho deve fazer parte das preocupações de todos os que se preocupam com o destino do imigrante brasileiro no exterior. Embora muitas vezes os próprios imigrantes só se preocupem com esta questão depois de haverem sofrido o mal-denominado "acidente do trabalho," cabe a todo profissional da área de saúde do trabalhador lutar para prevenir os incidentes.

O Projeto Parceria é a primeira experiência de que temos conhecimento de um projeto conduzido por pesquisadores brasileiros para estudar as condições de trabalho de imigrantes brasileiros no exterior. A experiência deste projeto deve servir de estímulo para que outros pesquisadores brasileiros incluam as questões de saúde e segurança no trabalho nas agendas de pesquisa dos órgãos brasileiros responsáveis pelo fomento à pesquisa em saúde pública. Muito ainda resta a fazer, mas baseado na nossa experiência com este Projeto nos últimos três anos, temos certeza que é possível melhorar as condições de saúde e segurança no trabalho do trabalhador brasileiro imigrante.

*** Tiago Jansen e Andréa Barbosa são médicos especialistas em saúde do trabalhador pela UFBA e doutorandos do Depto. de Ambiente do Trabalho da Universidade de Massachusetts Lowell.**

**** Carlos Eduardo Siqueira é médico sanitário, professor assistente do Depto. de Saúde Comunitária e Sustentabilidade da Universidade de Massachusetts Lowell e Coordenador do Projeto Parceria.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FAWCETT, S. et al.
(1996) "Empowering Community Health Initiatives Through Evaluation". In: *Empowerment Evaluation: Knowledge and Tools for self-assessment and accountability*. Thousand Oaks: California, Sage Publications.
- FLEISCHER, Soraya Resende
(2002) *Passando a América a Limpo: O Trabalho das Housecleaners Brasileiras em Boston, Massachusetts*. São Paulo, Annablume.
- FREIRE, Paulo
(1970) *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

RELATO

UM ENSAIO DE ORGANIZAÇÃO

A experiência de Boston

Heloisa Maria Galvão *

O ano de 2006 pode entrar para a história dos Estados Unidos como o ano em que a direita conservadora conseguiu militarizar as fronteiras do país e derrubar o anteprojeto de lei que “legaliza” imigrantes indocumentados. Ou, como o ano em que políticos ditos progressistas aprovaram um programa de legalização que na prática divide imigrantes em categorias de acordo com o ano de imigração¹. Uma coisa é certa, porém, 2006 vai entrar para a história da imigração brasileira como o ano em que os brasileiros de Boston consolidaram sua posição de liderança no processo de organização comunitária dos brasileiros nos Estados Unidos.

Vários fatores colocam Boston na vanguarda deste movimento de afirmação da identidade brasileira migrante. Neste artigo, eu analiso alguns destes fatores, discuto a importância de haver um indício de organização comunitária em Boston e o que isto pode significar para o futuro do Brasil e das comunidades brasileiras migrantes dos Estados Unidos.



Foto cedida pela autora

FATORES QUE FAVORECEM A ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- Os Estados Unidos são o principal destino dos emigrantes brasileiros. Dos cerca de 2.5 milhões de brasileiros que se estima morando fora do Brasil, 42% vivem nos Estados Unidos. Boston é o segundo porto de destino, com 17%, logo após a Flórida, 22%. (Lima, Kukin e Blake, 2005:1)
- Boston reúne grande número de brasileiros com experiência de luta comunitária adquirida no Brasil e a geografia da região favorece o aparecimento de núcleos, pequenas e grandes

aglomerações de brasileiros, que tendem a se unir na luta por causas comuns, como benefícios para os imigrantes.

■ A criação e a atuação de agências comunitárias fundadas por brasileiros para defender os interesses e os direitos dos brasileiros. Duas delas, o Grupo Mulher Brasileira (GMB) e o Centro do Imigrante Brasileiro (BIC), existem há 11 anos e, portanto, fazem parte da história de luta da comunidade. O Centro do Imigrante especializa-se em direitos do trabalhador. Somente em 2005, a organização recuperou mais de meio milhão de dólares em salários não pagos por patrões inescrupulosos, na maioria das vezes, por falta de documento do trabalhador para trabalhar². O Grupo Mulher tem se firmado como uma entidade que dá voz aos brasileiros imigrantes, principalmente às mulheres. Foi o GMB que iniciou a tradição de promover reuniões comunitárias para discutir os problemas da comunidade. Nestes fóruns, a comunidade expressa suas dúvidas e preocupações e tenta achar soluções para seus próprios problemas.

■ As lideranças brasileiras da área de Boston conversam entre si, tomam decisões em comum e, sempre que possível, intervêm publicamente em nome do coletivo, defendendo as mesmas propostas. Por exemplo, há cerca de dez anos, as lideranças decidiram que era hora de ocupar postos-chaves disponíveis no mercado de trabalho, como intérpretes nos hospitais, professores de escolas de 1º e 2º graus com programas bilíngues, com brasileiros. Recentemente, e em decorrência do forte sentimento anti-imigrante predominante nos Estados Unidos, as lideranças decidiram que é chegada a hora dos brasileiros exercerem cidadania plena, votando e sendo votados. Os próximos passos seguem na direção de localizar brasileiros que votam nos Estados Unidos ou que se qualificam para se tornarem cidadãos; debater o voto com esses eleitores brasileiros; bem como identificar quem possa e queira concorrer a pleitos eletivos³.

■ Maior participação das igrejas e dos líderes religiosos nas lutas político-sociais dos brasileiros, aliada ao aumento da participação dos brasileiros, individualmente. A eleição de George W. Bush e os atentados terroristas de setembro de 2001, se por um lado fortaleceram a direita ultraconservadora, por outro forçaram uma tomada de posição mais firme das populações oprimidas, como os imigrantes, que, agressivamente, procuraram fazer alianças com outros grupos minoritários e com os políticos.

FATORES QUE DIFICULTAM A CONSCIENTIZAÇÃO COMUNITÁRIA

O trabalho de conscientização com vistas a uma organização político-comunitária é um trabalho difícil, de “formiguinha”, que não acontece do dia para a noite e, sem uma base forte, pode levar à frustração e ao desmantelamento completos. Da mesma forma que vários fatores facilitam o surgimento de um movimento de organização comunitária na área da Grande Boston; outras

tantas razões impedem a participação maciça dos brasileiros em movimentos de base.

■ *Medo*: Temerosos com o cenário anti-imigrante no país e o endurecimento das leis, principalmente, a partir de 2001, os brasileiros tendem a se “esconder”, a se isolar dentro da própria comunidade, não se informam nos canais competentes e são presa fácil de pessoas inescrupulosas e exploradoras.

■ *Dívida*: O endurecimento da política de concessão de vistos por parte dos Estados Unidos leva os brasileiros a procurarem rotas de imigração alternativas, a mais usada era a travessia da fronteira do México. Além dos perigos inerentes e dos riscos de cair na mão da imigração, ser preso e deportado, a travessia incorre em débito superior a \$7 mil.

■ *Trabalho*: Achar um trabalho e começar a juntar dinheiro para pagar a dívida é a meta principal após a chegada. Como o mercado de trabalho está mais fechado, a maioria dos brasileiros pega o que aparece e trabalha mais de 12 horas por dia, sete dias por semana. Não sobra tempo para lazer, muito menos para ativismo comunitário.

■ *Mobilidade*: Muitos brasileiros se dizem de passagem, estão sempre planejando a volta para o Brasil, o que os impede de investir na vida pessoal de cada um, na permanência, no bem-estar e no conforto da família e, obviamente, na comunidade onde vivem. A atitude de aparente descaso - “*eu não vou viver aqui, não tenho nada com isso*” - é uma forma de defesa pessoal contra a dura realidade que teima em ir adiando o retorno e, ao mesmo tempo, justificativa para a não participação comunitária.

■ *Alienação*: Todos estes fatores levam à alienação, um círculo vicioso que impede muitos brasileiros de se inserir na sociedade hospedeira, de subir na escala social, de procurar melhorar de vida, estudar, aprender inglês, lutar por seus direitos e exercer sua cidadania.

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO: VOLTAR AO BRASIL É ADIADA

Há indícios claros, no entanto, de que a atitude dos brasileiros em relação à volta para o Brasil mudou nos últimos anos e continua mudando. Muitos brasileiros conseguiram se documentar, mas mesmo aqueles que ainda não têm documento, se vieram há muito tempo, criaram raízes, adquiriram hábitos, mesmo sem perceber, acostumaram-se ao estilo de vida norte-americanos. Muitas famílias têm filhos nascidos nos Estados Unidos ou que estão crescendo nos Estados Unidos. Estas crianças assimilam com rapidez hábitos e valores culturais do país hospedeiro. Além disso, não é mais possível entrar-e-sair dos Estados Unidos como os brasileiros costumavam fazer - “imigração ioiô”. Tudo isso faz com que os planos de retorno ao Brasil sejam adiados por tempo indeterminado.

A mudança de perfil da comunidade brasileira reflete positivamente também na economia local. Por exemplo, em cada dez imigrantes que compram casa, três são brasileiros. Os brasileiros são proprietários de aproximadamente 400 negócios na Nova Inglaterra, a maioria restaurantes, supermercados, lanchonetes, padarias, cabeleireiros, butiques, oficinas de carro, entre outros. Paralelamente, existe todo um comércio informal, “sem porta”, que são as firmas de limpeza, de construção, de pintura e as companhias de ajardinamento. Os brasileiros aquecem a economia da região, gastando cerca de U\$132 milhões, anualmente; pagam impostos federais e estaduais da ordem de U\$36 milhões e geram mais de mil empregos. Comparados com outros grupos imigrantes e até com os nativos, do ponto de vista educacional e cultural, os brasileiros também levam vantagem. (Lima, Kukin e Blake, 2005, p.3; Galvão, 2005a, p.3).

TRABALHO DAS LIDERANÇAS GERA VISIBILIDADE: BOM OU RUIM?

Fausto da Rocha, diretor-executivo do BIC, acha que a comunidade está mais consciente, mais informada e mais participativa e que isso se deve ao trabalho das lideranças comunitárias e ao apoio das igrejas às lutas sociais. Ele cita números para reforçar sua opinião: “Em 2000, levamos 50 brasileiros para participar em Nova York de manifestação a favor dos imigrantes; em 2003 levamos 500 - com a ajuda da igreja católica que lotou cinco ônibus - e agora, em 2006, colocamos dois mil brasileiros na rua” (manifestações em Boston). Fausto, porém, tem dúvidas “até que ponto sair da invisibilidade é bom?” Ao mesmo tempo em que a comunidade está ganhando espaço e aparecendo, também está chamando atenção. “Somente em maio nós tivemos 80 brasileiros da área de Boston deportados. Em apenas dois dias de junho, quatro brasileiros foram presos. Nós estamos pagando o preço (de uma visibilidade maior). Estamos sendo mais perseguidos (pela imigração) e mais atacados pelos grupos anti-imigrantes”

O fato de que o governo brasileiro tem se aproximado dos brasileiros imigrantes, é um ponto positivo, diz Fausto. Cinco deputados federais e um senador compareceram oficialmente ao primeiro encontro de lideranças comunitárias de Boston, realizado em outubro de 2005. Meses antes, três ministros de estado visitaram Boston e se reuniram com líderes comunitários, ouvindo reivindicações e anseios⁴.

O organizador comunitário Marcony Almeida, que há oito anos veio de Alagoas, acha que “é importante dar cara aos brasileiros, precisamos criar uma identidade”. Aos 29

anos e após cinco de trabalho comunitário no BIC, ele foi contratado pelo MIRA - Massachusetts Immigrant and Refugee Coalition - uma organização que policia as leis que tratam dos direitos dos imigrantes. O caminho percorrido por Marcony não é o mais comum para a maioria dos brasileiros que muitas vezes demoram para subir na escala social, não por falta de capacidade, mas de papel. Prova, no entanto, que a decisão das lideranças de ocupar o mercado de trabalho foi acertada. Ele ajudou a organizar as manifestações e passeatas pró-reforma de imigração realizadas em Boston nos últimos dois meses e fez questão de colocar representação brasileira nos palanques.

“Os hispanos são mais organizados, mas eles não podem voltar (para seus países de origem). A situação econômica e política deles é bem diferente, eles vêm com TPS (documento que lhes dá permanência temporária nos Estados Unidos), se estabelecem e se organizam porque vão ficar. O brasileiro ainda é muito instável, a partir do momento em que a maioria se estabelecer, vai começar a acordar e a participar”. Os brasileiros, pondera, “ainda estão no estágio de acharem que se pesa para o meu lado, eu me movo; se tenho documento não preciso (participar)”.

“O perigo é sentar em frente da Globo e ficar contente. A maior parte das pessoas ainda tem interesses pessoais, está aqui de passagem, isso é um entrave”, opina o jesuíta gaúcho Carlos Viana, há seis anos em Boston. Carlos conclui estudos de pós-graduação na escola dos jesuítas e está bem engajado na luta comunitária através da igreja de Santo Antônio, de Allston, um bairro de Boston. “É difícil identificar as forças que nos tiram do Brasil - entre elas a globalização, desumanizante e desumanizadora. A luta deveria ser unificada para cada indivíduo sentir-se parte da construção deste país. Se a comunidade conseguir fazer isso, estará realmente criando laços entre Brasil e Estados Unidos”, reflete.

“Em Boston, nós temos a felicidade de ter pessoas que têm formação formal no Brasil e educação política. Estas pessoas ajudam quem não tem”. O jesuíta acha que o trabalho do BIC e do GMB “mostram que trabalho voluntário tem limites, voluntários não dão conta, as pessoas não conseguem fazer tudo. Precisamos de projetos para dar estabilidade à comunidade. O BIC precisa dar um passo maior, ter uma sede própria. O GMB não pode mais depender do trabalho voluntário. O Grupo conseguiu nestes anos se estabelecer como um nome porta-voz da comunidade nas lutas comunitárias, mas a demanda que está surgindo vai exigir mais do Grupo. Nós perdemos nomes importantíssimos”, diz ele, lembrando líderes comunitários que voltaram para o Brasil, pois “isso quebra



Foto cedida pela autora

a comunidade”. Carlos vê a comunidade em termos prospectivos e lista elementos que considera importantes para o processo de organização dos brasileiros em Boston se sedimentar. “Primeiro, a identidade brasileira em termos de nordeste dos Estados Unidos. Qual a contribuição da comunidade em termos de Estados Unidos? Se queremos ser uma comunidade que faz diferença neste país, qual é a nossa contribuição? O que é comunidade imigrante? Precisamos olhar a história e entender o termo comunidade. Como se formaram os grupos étnicos aqui nos Estados Unidos? Quais as diferenças e as semelhanças entre eles? Temos de pensar em termos de pessoas reunidas e de ação política em conjunto. Quais são os passos para isso?”

Outra questão que ele coloca é acerca do futuro dos “nossos filhos e netos. Estamos vivendo uma identidade híbrida, temos de trazer estas pessoas – os jovens - para o centro de discussão. No fundo são os jovens que vão discutir o presente e o futuro, participar dos problemas e das soluções.”

REFLEXÕES FINAIS

O fato de que há brasileiros em Boston questionando o futuro da comunidade, preocupados em passar uma imagem de união e coesão, “costurando” conversas políticas, não só entre as lideranças brasileiras, mas com autoridades e políticos norte-americanos, mostra que o nível de amadurecimento desta comunidade é diferente e mais evoluído do que o de outras comunidades brasileiras nos Estados Unidos.

O fato de que líderes comunitários brasileiros de Boston estão sendo convidados a discutirem a experiência de organização comunitária que vivem com outras comunidades e até em centros acadêmicos norte-americanos, é prova de que o trabalho desesenvolvido é reconhecido e levado a sério dentro e fora da comunidade. A experiência de Boston está servindo de exemplo para outros grupos brasileiros estabelecidos nos Estados Unidos.

Os brasileiros de Boston estão cientes do papel de

liderança da sua comunidade e não abrem mão do espaço ocupado. Uma das conclusões do primeiro encontro de lideranças comunitárias de Boston, em outubro passado, foi a redação da "Carta de Boston", documento que cobra um posicionamento mais humano e comprometido por parte do governo do Brasil em relação aos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Alguns líderes defendem um posicionamento mais agressivo do governo brasileiro, a exemplo do governo do México, cujos consulados têm sistematicamente ampliado sua atuação em defesa dos direitos dos seus cidadãos morando nos Estados Unidos. O Brasil havia dado um passo largo neste sentido, há cerca de oito anos, quando determinou que os consulados em regiões de grande fluxo de imigração brasileira, como é o caso de Boston, dessem mais atenção às necessidades desta população. Nesta mesma época foram criados os conselhos de cidadãos, colegiados formados por brasileiros imigrantes e de apoio ao cônsul do Brasil. Em Boston, a iniciativa foi bem sucedida até dois anos atrás quando a administração consular agilizou a emissão de documentos, mas cortou os laços comunitários.

Outra conclusão importante do Encontro de Lideranças foi a de realizar um encontro nacional de todas as comunidades brasileiras nos Estados Unidos em 2007 para traçar uma plataforma única de reivindicações e, ao mesmo tempo, falar com uma única voz. Os líderes acham que unidos nacionalmente em torno dos mesmos ideais de luta terão mais força política.

Prova de que a experiência de Boston tem chamado a atenção de outros núcleos de brasileiros e até dos meios acadêmicos, é que, tanto o diretor do BIC como a presidente do GMB, têm sido convidados para falar sobre a tentativa de organização comunitária em várias ocasiões.

Os próximos meses serão decisivos para a comunidade brasileira da área de Boston: a reforma de imigração deve ser aprovada a qualquer momento e, certamente, vai influenciar os rumos da política nos Estados Unidos e no segundo semestre, tanto Brasil como Estados Unidos, têm eleições majoritárias. As lideranças de Boston não abrem mão de desempenhar papel importante em ambos os pleitos. Embora o número de brasileiros alistados para votar no consulado de Boston seja mínimo – cerca de 3 mil nas últimas eleições presidenciais –, as lideranças pretendem pedir que os brasileiros influenciem o voto dos familiares e amigos que votam no Brasil. Eles querem ter certeza de que os políticos eleitos em todos os níveis sejam simpáticos à causa do imigrante, vejam a questão como um direito humano e estejam dispostos a defender os direitos dos seus eleitores junto ao governo federal.

Em nível de Estados Unidos, a idéia é fazer campanha para políticos que apóiam a causa imigrante, que votam a favor de direitos dos imigrantes e que sejam porta-vozes das necessidades e da contribuição desta população para as comunidades onde se inserem. De acordo com a imigração norte-americana, 15 mil brasileiros encontram-se naturalizados e podem votar em Massachusetts. As lideranças estão apostando que em curto espaço de tempo mais brasileiros irão adquirir cidadania norte-americana e, portanto, tornar-se-ão aptos a votar.

*** Heloisa Maria Galvão é jornalista, mestrado em Comunicação e Televisão pela Universidade de Boston e ativista comunitária - co-fundadora e presidente do Grupo Mulher Brasileira.**

NOTAS

1. O ante-projeto de imigração em tramitação no Congresso norte-americano vai ser examinado por uma comissão judiciária, provavelmente antes do final do mês de junho. Não há previsão sobre o texto final, uma vez que a redação aprovada pela Câmara dos Deputados difere, fundamentalmente, da versão aprovada pelos senadores. A maior diferença reside no fato de que o anteprojeto dos deputados criminaliza os imigrantes indocumentados e as pessoas que ajudam aos imigrantes indocumentados. Hoje, estar indocumentado nos Estados Unidos não é crime e é enquadrado no Código Civil. Muitos ativistas comunitários que lutam pelos direitos dos imigrantes chegam a denunciar os dois anteprojeto como piores do que a legislação hoje em vigor.
2. Em Massachusetts, o procurador geral do estado garante que trabalhador que trabalha ganha as horas trabalhadas, tendo ou não documento. Em outros estados do país isto não acontece. Patrões desonestos que contratam imigrantes, mesmo sabendo que podem ser indocumentados, e depois os dispensam por falta de documento, acabam sendo penalizados duas vezes: pagam multa e os salários devidos.
3. Os líderes comunitários também acham importantíssimo que os brasileiros tenham participação política no Brasil.
4. Senador Valdir Raupp; Deputados Takayama (PMDB/PR), João Magno (PT/MG), Geraldo Tadeu, Neucimar Fraga (PL/ES) e Dr. Heleno (PSC/RJ) e os ministros Jaques Wagner (à época Secretário das Relações Internacionais), Gilberto Gil (da Cultura) e Luiz Dulci (Secretário Geral da Presidência da República).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GALVÃO, Heloisa Maria
(2005a) "The Brazilian Community of New England: An Economic Profile". *Executive Summary*. Especially prepared for the 9th Brazilian Independence Day Festival. Boston, maio.
- GALVÃO, Heloisa Maria
(2005b) *As Viajantes do Século Vinte: Uma história oral de mulheres brasileiras imigrantes na área de Boston*. H. P. Comunicações, Rio.
- LIMA, Alvaro; KUKIN, Martina e BLAKE, Nanette D.
(2005) *Imagine All the People: Brazilian Immigrants in Boston*. Boston Redevelopment Authority's Research Division for the Office of New Bostonians. Boston, outubro.
- THE MASSACHUSETTS INSTITUTE FOR A NEW COMMONWEALTH
(2005) *The Changing Face of Massachusetts*. MassINC. Boston, junho.

PASTORAL ALÉM-FRONTEIRAS

João Paulo Santos *

"A migração alarga o conceito de pátria para além das fronteiras geográficas e políticas, fazendo do mundo a pátria de todos!" (João Batista Scalabrini).

"Não é só questão de trabalhar para os migrantes, mas de tornar o rosto da Igreja e da humanidade mais conforme ao Projeto de Deus.

Toda a Igreja é assim desafiada positivamente pelo fenômeno da mobilidade humana e convidada a emigrar de seus esquemas tradicionais para viver em plenitude a missionariedade" (Paulo VI).

"A fim de que a pastoral migratória seja uma pastoral de comunhão (...), é indispensável que entre as Igrejas de origem e aquelas de chegada das correntes migratórias se instaure uma intensa colaboração, que nasça em primeiro lugar da informação recíproca sobre tudo aquilo que seja de comum interesse pastoral. De fato, não se pode conceber que tais Igrejas não dialoguem nem se confrontem sistematicamente, graças também a encontros periódicos, sobre os problemas que se referem a milhares de migrantes" (Erga Migrantes Caritas Christi, nº 70).

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), diante do novo fato histórico da emigração dos brasileiros para o exterior e, motivada pela Conferência Episcopal Americana que propôs uma cooperação entre ambas para melhor atender aos brasileiros que migravam para os Estados Unidos, deu início, em 1996, à Pastoral dos Brasileiros no Exterior (PBE).

As atividades da PBE estabelecem-se em eixos bastante amplos. Em especial, cumpre destacar três:

- √ Envio de missionários brasileiros ao exterior - que recebem, em curso específico, preparação acerca da realidade migratória e presença missionária junto aos emigrados;
- √ Identificação e contato com as comunidades brasileiras nos mais diversos países, levando a solidariedade e a proximidade da igreja de origem e a repartição de responsabilidades sócio-pastorais com a diocese de chegada;
- √ Assessoramento jurídico, articulando igreja, governos e ONGs na cooperação em favor dos emigrados.

A missão da PBE centra-se na assistência religiosa, no cultivo da fé. Em seu sentido amplo, na atividade com os brasileiros emigrados, a missão religiosa significa, primeiro, levar o Evangelho inculturado que os remete à diversidade brasileira em suas raízes afro, lusa e indígena, reforçando a dignidade e a autoestima. E, segundo, na linha do antropocentrismo pastoral pregado pós-Vaticano II, caminhar lado a lado com as dificuldades cotidianas destes seres humanos, percebendo suas dificuldades perante políticas migratórias restritivas, empobrecimento, desemprego, discriminações culturais, exclusões xenófobas e até mesmo criminalização dos migrantes.

Manter uma comunidade viva e seus membros com uma vida digna supõe primeiramente uma luta pela abertura das fronteiras e de mentes, ao mínimo ético do humanismo. Formas restritivas de políticas migratórias que rotulam o trabalhador estrangeiro de terrorista não podem ser toleradas no atual paradigma de direitos humanos que o mundo vive. Todos os terroristas do 11 de setembro eram residentes "legais". Nenhum refugiado. Nenhum "indocumentado". Criminalizar a mobilidade humana é talvez uma das formas mais aparentes dos países retirarem direitos dos migrantes e fomentar, cada vez mais, a xenofobia. Não haverá dignidade para esses nossos irmãos enquanto o fato de quererem trabalhar dignamente para sustentar suas famílias for razão de perseguição e exclusão. Efetivar instrumentos internacionais que protegem famílias de trabalhadores (destacamos aqui, a Convenção Internacional para a Proteção dos Direitos de todos os Trabalhadores Migrantes, aprovada em 1990 pela ONU) e diferenciá-los de criminosos e terroristas é a pedra angular de qualquer pastoral que efetivamente cuide e se preocupe com nossos irmãos que estão longe da pátria, da família, da própria terra.

Flashes

◆ Consta da programação da PBE a realização de, no mínimo, duas visitas anuais, por parte de seu representante maior - o Bispo D. Laurindo Guizzardi (Diocese de Foz do Iguaçu/PR) junto aos locais de destino dos brasileiros no exterior. Cite-se, também, que recentemente, (julho de 2006), O Secretário Geral da CNBB e Bispo Auxiliar de São Paulo, D. Odilo Pedro Scherer esteve visitando o Japão.

◆ A PBE já enviou 23 missionários para as regiões de maior concentração de brasileiros no exterior, a saber: Estados Unidos, Japão, Canadá, Inglaterra, Itália e Portugal. Via de regra, o período de missão estende-se por três anos. Além disso, intensificam-se cada vez mais missões temporárias em períodos de férias e/ou em ocasiões especiais, como da Festa de Nossa Sra. Aparecida.

◆ Em 2002 aconteceu o Primeiro Encontro Ibérico da Comunidade de Brasileiros no Exterior, em Lisboa, em parceria entre a Procuradoria Geral da República e a PBE, por parte do Brasil, e Casa do Brasil em Lisboa, Cáritas de Portugal e Obra Católica Portuguesa de Migrações, por parte de Portugal, do qual também participaram deputados e integrantes das Representações Diplomáticas de ambos os países.

◆ Desde 2000 a PBE conta com o Boletim Eletrônico bimensal "Além Fronteiras", disponível no site www.migrante.org.br

◆ A PBE, que tem na sua Presidência D. Laurindo Guizzardi, integra a Comissão Episcopal para a Ação Missionária e Intereclesial e atua em articulação e integrada às Pastorais da Mobilidade Humana, da CNBB, e conta com a importante colaboração do Instituto Migrações e Direitos Humanos/ Brasília, do qual é diretora a Ir. Rosita Milesi - mscs.

Lembramos que a efetivação desses direitos fundamentais passa pela organização e pela participação política da comunidade no país de residência, a qual deve ser sempre estimulada e fomentada pelas pastorais. Passa, sim, pela participação cada vez mais concreta e atuante das embaixadas e consulados brasileiros na defesa de seus cidadãos como também pela intervenção política dos próprios emigrados. Tal atitude simboliza um conceito de que a preocupação evangélica pastoral significa uma preocupação real com a cidadania dos fiéis em todas as esferas.

A greve de fome realizada por um movimento de brasileiros encarcerados no condado de Suffolk (EUA) mostra que, pouco a pouco, a consciência política pode começar a oferecer resultados para que a dignidade mínima possa ser respeitada, e que tais reações podem se tornar mais bem-sucedidas ao longo do tempo¹.

Ressalte-se, ainda, a importância e a abrangência dos serviços religiosos propriamente ditos que a PBE ajuda a realizar junto e com as comunidades brasileiras em diferentes países. A religiosidade, quando se está longe de casa, adquire uma importância psicológica e emocional muito maior. Parte do ministrar os sacramentos para ir muito além, refazendo memórias e celebrando identidades culturais que ficaram distantes, no país de origem, no saudoso Brasil.

A religião passa a oferecer não só serviços litúrgicos, mas uma liturgia sacramental da vida, como se depreende do relato de uma participante da comunidade em Chicago:

"De 1994 até agora a comunidade cresceu, tivemos outras lideranças e aos poucos os brasileiros perceberam não só a importância de ter a missa celebrada em português, mas a preciosidade de poder estar juntos com seus conterrâneos, tomar um chimarrão, comer uma boa feijoada, um churrasco gaúcho, dançar, enfim a preciosidade de ser acolhido com muito calor humano num lugar tão 'frio' como Chicago" (Isaura Maria da Costa Crump - Boletim Além Fronteiras, 23, jul-ago/04).

Ou seja, o chimarrão, a dança, a conversa, a língua portuguesa, não são mais somente o que são, mas remetem a histórias de vida, a relações afetivas, a lembranças da presença de seus familiares e de Deus em suas vidas, se transformando, imediatamente em ferramentas que dão coragem para enfrentar a frieza e a batalha árdua com que se deparam nos novos países.

Em resumo, a PBE busca ser e levar, principalmente através das missionárias e missionários, assistência religiosa e apoio nas demandas sociais, econômicas e políticas dos emigrados. Ser co-responsável pela memória religiosa, cultural e identitária de nossos irmãos que estão longe, refazer-se como Igreja, conforme nos indica a frase do papa Paulo VI.

Assim, privilegiando o cuidado acima de qualquer barreira e indo além das fronteiras, a meta é construir uma pastoral transnacional que prove, concretamente, que a fraternidade e a boa notícia outrora pregadas por Jesus de Nazaré estão além de todos os limites que sociedades e governos tentem construir.

*** Advogado de movimentos populares, assessor jurídico do Instituto Migrações e Direitos Humanos, Brasília, e colaborador nas Pastorais da Mobilidade Humana, da CNBB.**

1 - Vide reportagem de Laura Capriglione "Estranhos no Paraíso", publicada na Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, em 10/02/06. Trata de Fernando de Sá Lima Monteiro, 20, e Rogério Zanotelli, 27, que iniciaram uma greve de fome para reivindicar condições carcerárias melhores, por estarem presos contrariamente a convenções da ONU sobre migrantes. Infelizmente, esse primeiro movimento está tentando ser abafado pelo isolamento de ambos como castigo. Todavia, o desfecho ainda está em aberto.

SEJA UM COLABORADOR

Travessia está aberta à publicação de artigos de pesquisadores e estudiosos que analisam a realidade em que o migrante está envolvido, a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, cultural, econômico, antropológico, educacional, etc. A revista destina-se, fundamentalmente, a um público intermediário; quer ser uma ponte entre a produção acadêmica e a produção popular. Se for do seu interesse, envie artigos para a redação, seguindo as orientações abaixo elencadas:

- * Você irá escrever para uma revista e não para uma banca da academia, por isso, aproveite os conteúdos de suas pesquisas, mas seja criativo(a) na forma de apresentá-los. No título, por exemplo, não resuma sua tese, desperte a curiosidade do leitor.
- * De preferência, artigos que se enquadrem dentro dos temas previamente anunciados, conforme consta ao lado;
- * Tamanho: aproximadamente 350 linhas, fonte Times New Roman, corpo 12;
- * Intercalar o texto com alguns intertítulos;
- * Clareza de linguagem e simplificação dos conceitos;
- * Se possível, enviar algumas fotos em papel, com os respectivos créditos (posteriormente serão devolvidas); se digitalizadas, só em CD com resolução de 300 dpi.
- * Os artigos devem ser inéditos;
- * Fazer constar breve identificação do autor, endereços postal e eletrônico e telefone;
- * Notas: utilizar apenas nos casos em que o texto requer alguma explicação relevante; não utilize nota no título e no nome do autor; referência bibliográfica não é nota;
- * Referências: devem constar no interior do texto, entre parênteses, com o nome, ano e quando específicas, a página. Ex.: (Silva, 1996: p.3);
- * Bibliografia - Ater-se à referida no texto, seguindo o padrão abaixo:

a) Livros: nome do autor; ano entre parênteses; título do artigo em itálico; local da publicação; nome da editora. Exemplo: FERNANDES, Florestan (1977) *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis, Vozes.

b) Artigos: nome do autor; ano entre parênteses; título do artigo entre aspas; nome do periódico em itálico; volume (se houver) e nº; mês(es); nº da página. Exemplo: SARTI, Cynthia Andersen (1995) "São os Migrantes Tradicionais?". *Travessia-Revista do Migrante*, nº 23, setembro-dezembro, p.11.

NB: Por tratar-se de artigos breves, pede-se utilizar os recursos acima com parcimônia.

O autor de artigo publicado receberá dez exemplares do nº.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de submeter os artigos à sua apreciação.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

TRAVESSIA
Nº 56

**ALTERIDADES/
DIFERENÇAS**

(Set-Dez/06)

**Prazo para envio
de artigos
(30/08/06)**

TRAVESSIA
Nº 57

**ACOLHIDA /
HOSPITALIDADE**

(Jan-Abr/07)

**Prazo para envio
de artigos
(28/02/07)**

TRAVESSIA
Nº 58

**FILHOS DA
MIGRAÇÃO**

(Mai-Ago/07)

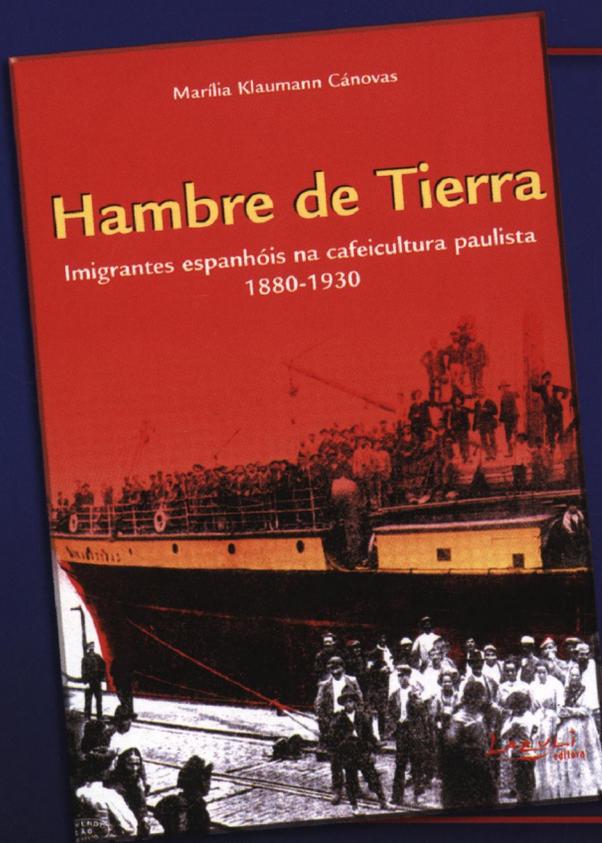
**Prazo para envio
de artigos
(30/04/07)**

ESPAÇO ABERTO À DIVULGAÇÃO DE LIVROS DOADOS À BIBLIOTECA DO CEM, ESPECIALIZADA EM MIGRAÇÕES



AGENCIA MIGRANTES DE COMUNICAÇÃO

www.agenciamigrantes.com.br



HAMBRE DE TIERRA

Imigrantes espanhóis
na cafeicultura paulista, 1880-1930

Marília Klaumann Cánovas

O livro analisa a situação da Espanha no período em foco (momento conturbado pelas guerras coloniais, falta de empregos, epidemias, terras cultiváveis restritas e população em constante aumento); reúne registros documentais da chegada dos imigrantes no Brasil e valiosos relatos orais de espanhóis que se estabeleceram na região de Catanduva, interior do estado de São Paulo.

Trata-se de uma análise quantitativa e qualitativa da imigração espanhola que, diferentemente do que ocorreu com a italiana e a alemã, foi objeto de poucos estudos.

O livro traz uma espécie de roteiro: Parte dos reinos da Espanha, acompanha os imigrantes na subida da Serra para chegar a São Paulo, (onde, por alguns dias permaneciam alojados na Hospedaria dos Imigrantes), mostra a chegada às fazendas e o cotidiano, com suas dificuldades e conquistas.

O título "Hambre de Tierra" revela o maior sonho desses imigrantes, afinal, a terra era encarada como meio de ascensão social e possibilidade de retorno à Espanha.

Por fim, Marília Cánovas, ao reunir a história coletiva e individual desses imigrantes, oferece também um ponto de vista singular para compreendermos a formação do povo brasileiro.

TRAVESSIA

revista do migrante

www.cemsp.com.br